



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

RITA DE CÁSSIA FERNANDES MONTEIRO

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*, DE
LEWIS CARROLL**

**GUARABIRA
2022**

RITA DE CÁSSIA FERNANDES MONTEIRO

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*, DE
LEWIS CARROLL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Letras Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M258c Monteiro, Rita de Cassia Fernandes.

A construção da personagem em Alice no país das Maravilhas, de Lewis Carrol [manuscrito] / Rita de Cassia Fernandes Monteiro. - 2022.

51 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Departamento de Letras - CH."

1. Literatura Infantojuvenil. 2. Alice no País das Maravilhas. 3. Personagem. I. Título

21. ed. CDD 028

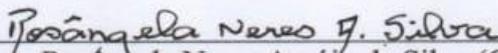
RITA DE CÁSSIA FERNANDES MONTEIRO

**A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*, DE
LEWIS CARROLL**

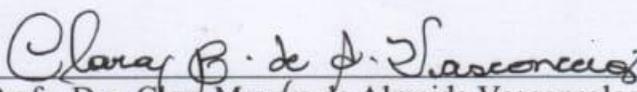
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento do Curso de Letras Português
da Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito para a obtenção do título de
Licenciada em Letras Português.

Aprovada em: 17/11/2022.

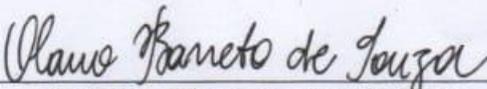
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por acreditarem no poder da
educação, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus e aos bons espíritos por concederem a realização desse sonho e por iluminarem minha caminhada.

À minha avó, Rita (*in memoriam*), por ser o maior exemplo de resiliência e luta.

Aos meus pais, João e Janete, por serem amor, apoio, dedicação, força e inspiração. Obrigada por acreditarem no poder da educação e por vibrarem com cada sonho e cada conquista minha. À minha irmã, Joara, por me apoiar e me incentivar (mesmo que do seu jeito peculiar) nos momentos em que achei que não iria conseguir.

Aos meus familiares, Adriana, Alex, Antonio Carlos, Igor, Isabel, Ivonete, Josinalva, Josinete e Milton, por todo apoio e pelos conselhos ao longo dessa etapa e, também, por compreenderem os momentos em que não pude estar presente.

À Jessica, minha amiga de infância, por trilharmos grande parte dessa vivência juntas, você é inspiração! À minha melhor amiga, Lívia, por todos os momentos compartilhados, desde as referências a Crepúsculo até as nossas conquistas na Universidade, obrigada por todo apoio e carinho. A Selton, por todos os risos, piadas envolvendo *The Office* e o Chapeleiro Maluco, mas, principalmente, por toda amizade e preciosos conselhos.

À Ana Flávia, Anna Flávia e Sara Freitas que, mesmo a quilômetros de distância, estão presentes em minha vida, obrigada por todo afeto, histórias e músicas compartilhadas. A Anderson, Gustavo, João, Rita de Cássia e Weverton, por todas as conversas, perguntas filosóficas *à la* Gato de Cheshire e risos ao longo (e até mesmo antes) desse percurso. À Luciene, que, com sua aura divertida e questionadora, me acolheu e me auxiliou desde os primeiros dias do curso, obrigada por tudo, Lu!

À Maria Izabel e Sthefany, por todo apoio, conselhos, memes, indicações de livros e reuniões no *meet*. Aos *Desletrados* (que de *des-* só o prefixo mesmo). À Raissa e Alexcielly pelos momentos partilhados e indicações de leitura. À Aline, Bárbara e Crislainy, por partilharmos momentos especiais e pesquisas incríveis sobre mundos maravilhosos e curiosas Alices.

Aos colegas da turma 2019.1. Em especial, os amigos que transgrediram as barreiras do campus, Alyne Maria, Edner Oliveira, Ewelyn Watsana, Izadora Lima, José Eldeni, Juliana Soares, Maria Eduarda e Maria José, obrigada por compartilharem comigo os bons momentos (e as dores de cabeça) ao longo dessa trajetória.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade de ser bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e participar de ações educacionais humanizadoras. Aos amigos(as) do PIBID cota 2020/2022. Às professoras Fátima Aquino e Danielle Coppi, por todo apoio e ensinamento ao longo desse percurso. Obrigada por ressignificarem o conceito de educação e mostrarem a importância, o poder e o papel humanizador desse campo.

Ao professor Paulo Ávila, por compartilhar sua alegria, conselhos e ensinamentos ao longo da nossa caminhada acadêmica. À professora Clara, por sua inspiração. Ao professor Olavo, por suas referências a Hilda Hilst e a alegria de versar sobre a Literatura.

À professora Rosângela, que é alegria, inspiração e poesia! Sou imensamente grata por todos os ensinamentos, conselhos e amizade ao longo desse percurso. Obrigada por nos apresentar com um olhar afetuoso e encantador a Literatura, especialmente a Literatura Infantil e Juvenil, os fios que seus ensinamentos tecem, ganham novos espaços e ressignificam o ser literário de cada um de seus alunos. Obrigada pela oportunidade de integrar o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC) e adentrar o universo maravilhoso por meio da narrativa de Lewis Carroll.

“Ficou ali sentada, os olhos fechados, e quase acreditou estar no País das Maravilhas, embora soubesse que bastaria abri-los e tudo se transformaria em insípida realidade...” (CARROLL, 2009, p. 148).

RESUMO

Os estudos literários abarcam um vasto campo de temáticas e obras, sejam elas clássicas ou contemporâneas. Nesse viés, ao adentrarmos a área de estudos pertencentes à Literatura Infantil e Juvenil, conhecemos algumas percepções que cercam a obra clássica *Alice no País das Maravilhas*, do autor inglês Lewis Carroll. Nesse espaço, identificamos algumas ressalvas acerca da personagem, da faixa etária e das temáticas presentes na obra, em razão da linguagem, do *nonsense* presente na história e da ideação das cenas na narrativa. Logo, ao investigarmos esse cenário pautado em construções que colocam a obra como não integrante da Literatura Infantojuvenil ou adequada para os jovens leitores, deparamo-nos com os pressupostos teóricos de Cademartori (2010), Colomer (2017) e Coelho (2000), entre outros estudiosos que apresentam uma visão divergente a esse ideal posto. Diante disso, a produção desse estudo adveio da necessidade de analisar e apontar a importância da obra e da personagem-protagonista, Alice, para a Literatura Infantojuvenil. À vista dessa perspectiva, visamos analisar a importância da obra, a caracterização e a influência da personagem Alice para os acontecimentos da narrativa e para o cenário literário infantojuvenil. Para tanto, alicerçamos nossa pesquisa nos postulados de Aguiar, (2012), Cademartori (2010), Coelho (1985, 2000, 2012) Lajolo e Zilberman (2006), Zilberman (2005), no que se refere ao percurso da Literatura Infantil e Juvenil; em razão da contextualização da Era Vitoriana e da publicação da obra, Marucci e Giroldo (2020), Morais (2004); para conceituação do *nonsense* e do processo ilustrativo, Nikolajeva e Scott (2011); no que tange à figura da personagem e a importância de Alice na Literatura Infantojuvenil, Colomer (2017), Gancho (2002), Rosenfeld (2014); em razão da análise simbólica dos elementos que constroem o País das Maravilhas, Chevalier e Gheerbrant (2015), entre outros autores. Assim, enfatizamos a importância da narrativa e da personagem-protagonista Alice para o campo da literatura destinada às crianças e aos jovens, em virtude da socialização do texto, do acesso ao imaginário e do debate sobre as mais diversas temáticas presentes no espaço social e literário de acordo com a faixa etária adequada para o público infantojuvenil.

Palavras-Chave: Literatura Infantojuvenil. Alice no País das Maravilhas. Personagem.

ABSTRACT

The literary studies cover a wide field of themes and works, whether classical or contemporary. In this bias, as we enter the area of studies belonging to Children's and Youth Literature, we know some perceptions surrounding the classic work *Alice in Wonderland*, by the English author Lewis Carroll. In this space, we identify some caveats about the character, the age group, and the themes present in the work, due to the language, the nonsense present in the story, and the ideation of the scenes in the narrative. Therefore, when we investigate this scenario based on constructions that place the work as not part of Children's Literature or suitable for young readers, we are faced with the theoretical assumptions of Cademartori (2010), Colomer (2017), and Coelho (2000) among other scholars who present a divergent view to this ideal. Hence, the production of this study came from the need to analyze and point out the importance of the work and the protagonist character, Alice, for Children's Literature. In this perspective, we aim to analyze the importance of the work, the characterization, and the influence of the character Alice for the narrative events and for the children's and youth literary scenarios. To this end, we base our research on the postulates of Aguiar, (2012), Cademartori (2010), Coelho (1985, 2000, 2012) Lajolo and Zilberman (2006), Zilberman (2005), regarding the course of Children's and Youth Literature. Due to the contextualization of the Victorian Era and the publication of the work, Marucci and Giroldo (2020), Morais (2004); for the conceptualization of nonsense and the illustrative process, Nikolajeva and Scott (2011); regarding the figure of the character and the importance of Alice in Children's Literature, Colomer (2017), Gancho (2002), Rosenfeld (2014); due to the symbolic analysis of the elements that build Wonderland, Chevalier and Gheerbrant (2015), among other authors. Thus, we emphasize the importance of the narrative and the protagonist character Alice for the field of literature aimed at children and young people, due to the socialization of the text, access to the imaginary, and the debate on the most diverse themes present in the social and literary space according to the appropriate age group for children and adolescents.

Keywords: Children's Literature. *Alice in Wonderland*. Character.

LISTA DE FIGURA

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Alice, Coelho Branco e Chapeleiro Maluco | 31 |
|---|----|

LISTA DE TABELA

| | |
|---|----|
| Tabela 1 – Sete ações de Alice no enredo de <i>Alice no País das Maravilhas</i> | 39 |
|---|----|

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | LITERATURA INFANTOJUVENIL: ALGUNS APONTAMENTOS | 14 |
| 3 | A QUEBRA DE PARADIGMA: LEWIS CARROLL E O PAÍS DAS MARAVILHAS | 24 |
| 3.1 | Corte-lhe a cabeça!: a verossimilhança entre a Era Vitoriana e o País das Maravilhas | 25 |
| 3.2 | O campo de ilustração de John Tenniel: a importância da ilustração na narrativa | 30 |
| 4 | QUEM É ALICE? ESTE É O GRANDE ENIGMA | 32 |
| 4.1 | A personagem na Literatura Infantojuvenil | 32 |
| 4.1.1 | <i>A caracterização e a importância da personagem Alice para a Literatura Infantojuvenil</i> | 36 |
| 4.2 | Alice: o elo entre o real e o imaginário | 42 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 48 |
| | REFERÊNCIAS | 50 |

1 INTRODUÇÃO

A Literatura Infantil e Juvenil remota seu início à tradição oral e aos famosos contos de fadas, considerados paradigmas do campo literário infantojuvenil. Nesse cenário, ao adentrarmos a área de estudos pertencentes a essa esfera, constatamos, nesse primeiro momento, a sua relação direta com os preceitos moralizantes e educativos burgueses do século XVII. Entretanto, com a evolução social e os novos olhares acerca do ser criança, as intencionalidades na produção dos escritos para esse público é redefinida, apresentando uma nova referência a partir do século XIX.

Assim, na Inglaterra, em 1865, Lewis Carroll publica a obra *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*¹, narrativa que apresenta as peripécias de Alice, personagem que, subitamente, encontra um coelho apressado, no jardim de casa, e decide segui-lo. A partir desse momento, Alice embarca em uma inusitada e divertida aventura, na qual nada faz muito sentido e, para retornar para casa, precisa usar a inteligência e a sensibilidade característicos da idade.

Desse modo, Carroll quebra os paradigmas postos até então e redefine o cenário da Literatura Infantojuvenil, ao subverter qualquer pretensão didática tradicional (CADEMARTORI, 2010) e descrever uma personagem ativa, questionadora, curiosa, inteligente e sensível. Essa revolução, iniciada por Carroll, foi fundamental para o campo posterior dessa área, haja vista que a figura infantojuvenil passa a atuar como protagonista da sua história com características próximas às suas e questionamentos semelhantes aos seus. Além do expressivo acesso ao imaginário exposto pelo autor, que é comum a essa idade.

Todavia, na contemporaneidade, ao adentrarmos a área dos estudos pertencentes à Literatura Infantojuvenil, conhecemos as percepções que cercam a obra clássica de Carroll. Nesse espaço, identificamos algumas ressalvas acerca da personagem, da faixa etária e das temáticas presentes na obra, em razão da linguagem e da ideação das cenas na narrativa. Logo, ao investigarmos esse cenário pautado em construções que colocam a obra como não integrante da Literatura Infantil e Juvenil ou adequada para os jovens leitores, deparamo-nos com os postulados teóricos de Cademartori (2010), Colomer (2017) e Coelho (2000), entre outros estudiosos que apresentam uma visão convergente a esse ideal posto.

¹ *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* ou *Alice no País das Maravilhas*. Nessa pesquisa, utilizaremos *Alice no País das Maravilhas* para referirmos à obra.

Diante disso, a produção desse estudo adveio da necessidade de analisar e apontar a importância da obra *Alice no País das Maravilhas* e da sua personagem-protagonista, Alice, para a Literatura Infantojuvenil. Assim, essa pesquisa se justifica na relevância de abordar a construção formal e temática desta obra infantojuvenil, observando se esta cumpre as funções da Literatura Infantil e Juvenil, tais como o acesso ao imaginário, o domínio da linguagem e a socialização cultural, capazes de promover o debate sobre as mais diversas temáticas na faixa etária adequada.

À vista dessa reflexão, surge o objetivo geral que propicia o norteamento dessa pesquisa: analisar a importância da obra, a caracterização e a influência da personagem Alice para os acontecimentos da narrativa e para o cenário literário infantojuvenil. Com isso, considerando suas influências temáticas na contribuição para a reflexão do jovem leitor na construção dos saberes, o acesso ao imaginário e a subsidiação de formas significativas da leitura e a diversidade de aprendizagens que a obra pode proporcionar.

Para isso, elencamos os seguintes objetivos específicos: apresentar o percurso da Literatura Infantojuvenil, a redefinição proposta pela publicação de *Alice no País das Maravilhas*, no século XIX, e sua influência no cenário posterior desse campo; traçar uma análise do período de produção do texto de Carroll, desde suas influências no processo de criação até os elementos ilustrativos que compõem a narrativa; verificar a definição da personagem na Literatura Infantil e Juvenil, para com isso introduzir a quebra de paradigma e caracterização de Alice e sua relação com os componentes do País das Maravilhas e influência nesse cenário.

Diante disso, para consolidação desse trabalho, recorreremos aos postulados de Aguiar, (2012), Cademartori (2010), Coelho (1985, 2000, 2012) Lajolo e Zilberman (2006), Zilberman (2005), no que se refere ao percurso da Literatura Infantil e Juvenil. Dando continuidade, em razão da contextualização da Era Vitoriana e da publicação da obra, Marucci e Giroldo (2020), Morais (2004). Para uma melhor conceituação do *nonsense*² e do processo ilustrativo, Nikolajeva e Scott (2011). No que tange à figura da personagem e a importância de Alice na Literatura Infantojuvenil, Colomer (2017), Gancho (2002), Rosenfeld (2014). Em razão da análise simbólica dos elementos que constroem o País das Maravilhas, Chevalier e Gheerbrant (2015), entre outros autores.

² Em tradução livre: sem sentido.

Para alcançar os objetivos pretendidos com esta pesquisa, recorreremos a uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). Além disso, adotamos uma pesquisa de natureza bibliográfica analítica, haja vista que nos alicerçamos nos estudos da área e na leitura da obra base desse trabalho.

Em virtude ao exposto, além dessa seção introdutória, nossa pesquisa é constituída por quatro capítulos. Em primeiro momento, traçaremos alguns apontamentos acerca do processo de origem e evolução da Literatura Infantojuvenil. Dando continuidade, apresentaremos os elementos integrantes da obra base dessa pesquisa, além do seu período histórico de produção. Em seguida, discutiremos sobre a personagem no campo infantojuvenil, para em momento posterior versar sobre a caracterização e importância da figura fictícia Alice para a Literatura Infantil e Juvenil, com isso analisaremos seu elo com os acontecimentos marcantes do País das Maravilhas. Por último, destacaremos nossas considerações resultantes das análises realizadas ao longo do presente trabalho. Ao findar deste estudo, apresentaremos as referências utilizadas na produção dessa pesquisa.

2 LITERATURA INFANTOJUVENIL: ALGUNS APONTAMENTOS

A Literatura Infantojuvenil passou por diversas mudanças ao longo dos séculos em razão das transformações políticas, literárias, sociais e culturais. Esse processo histórico influenciou o desenvolvimento de uma literatura para os pequenos, consoante os interesses, necessidades e objetivos de cada período. Assim, o contexto histórico, as intencionalidades dos adultos e a modernização das sociedades determinaram o papel atribuído às crianças e aos jovens na produção das obras destinadas a esse público. Esse processo perpassou diversos espaços e épocas diferentes.

De início, a literatura para crianças e jovens pautava-se no caráter moralizante e pedagógico, mas, com o avanço das sociedades e do pensamento intelectual, as objetividades desses escritos ganharam novas nuances. Com isso, “conhecer a literatura que cada época destinou às crianças é conhecer os ideias e valores ou desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...)” (COELHO, 2000, p. 27-28). Desse modo, por meio desses escritos, apresentamos as intencionalidades no processo de formação e consolidação desse gênero ao longo dos séculos.

Dando enfoque na produção destinada às crianças e aos jovens no Ocidente, traçaremos um breve percurso histórico dessa literatura, que vai desde a Idade Média³ até a contemporaneidade. Nessa perspectiva, durante o período medieval até meados do século XVII, a criança não era vista de acordo com sua idade ou individualidades, mas “como um ‘adulto em miniatura’, cujo período de imaturidade (a infância) deve ser encurtado o mais rapidamente possível” (COELHO, 2000, p. 23). Dessa forma, a criança era ensinada por meios punitivos a agir conforme as pessoas mais velhas.

Nesse sentido, não existia uma individualização da literatura, conseqüentemente as crianças e os jovens desenvolviam atividades destinadas aos mais velhos, apesar de não possuírem os mesmos direitos atribuídos ao público adulto. Esse contexto apresenta alterações a partir da transição da Era Medieval para a Idade Moderna⁴. Com isso, ocorreram mudanças

³ A Idade Média foi um período histórico compreendido entre os séculos V e XV, com início em 476 com a queda do Império Romano do Ocidente e o fim com a tomada de Constantinopla pelos turcos em 1453.

⁴ A Idade Moderna foi um período histórico que sucedeu a Idade Média e antecedeu a Idade Contemporânea, seu período é situado entre os séculos XV e XVIII, com o início marcado pela tomada de Constantinopla em 1453 e com seu fim em 1789 com a tomada da Bastilha pelos parisienses.

nos objetivos dos adultos, o que gerou um novo olhar sobre as crianças e os jovens, em razão do modelo social em ascensão, bem como do surgimento da literatura para esse público. Em vista disso,

Ao trazermos à cena a literatura infantil, quase automaticamente nos voltamos para a história da infância, fenômeno recente no percurso da humanidade. Como arte dedicada à criança, a qual passa a ser foco de atenção na Idade Moderna, essa produção encontra nas criações populares, como os mitos, as lendas e os contos de fadas, as fontes de inspiração e a matéria-prima de que suas narrativas se abastecem (AGUIAR, 2012, p. 47).

Nesse contexto, por volta do século XVII, na França, a sociedade passava por um período de transição no sistema político, econômico e social. Nos grandes centros urbanos, ascendia uma nova classe social: a burguesia — que estava em ascensão desde o início do declínio do Feudalismo na Baixa Idade Média. Concomitantemente a essa situação, ressoava os acontecimentos da Contrarreforma, ação realizada pela Igreja Católica que buscava retomar o domínio afetado pela Reforma Protestante. Foi com esse cenário que surgiu a primeira coletânea de histórias infantis desenvolvidas por Charles Perrault.

O intelectual francês Charles Perrault — considerado o precursor da Literatura Infantil — realiza a coleta de contos e lendas populares da Idade Média, que eram transmitidos oralmente, e os adapta para o contexto infantil, assim “constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil” (CADEMARTORI, 2010, p.39). Desse modo, Perrault, com a publicação de *Contos da Mamãe Gansa* (1697), obra constituída por histórias como *A Bela Adormecida no Bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *As Fadas*, *Cinderela*, *O Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *A Gata Borralheira*, *Henrique do Topete* e *O Pequeno Polegar*. Com esses escritos, Perrault apresenta um novo cenário das conhecidas histórias populares. Assim,

O trabalho de Perrault é o de um adaptador. Parte de um tema popular, trabalha sobre ele e acresce-o de detalhes que respondem ao gosto da classe à qual pretende endereçar seus contos: a burguesia. Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observem-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo: referências à vida na corte, como em *A bela adormecida*; à moda feminina, em *Cinderela*; ao mobiliário em *O Barba Azul* (CADEMARTORI, 2010, p. 41).

As histórias transmitidas oralmente chegavam a Perrault por intermédio dos servos que trabalhavam para a sua família. Nessa perspectiva, vale ressaltar que esses contos eram livres

de ações moralizantes e não eram destinados ao público infantil, mas aos adultos. Entretanto, visando sua classe social e os objetivos moralizantes e pedagógicos, o francês atribuiu novos espaços e conduziu as narrativas a um distanciamento dos preceitos populares. Com isso, Perrault não atuava como escritor de histórias originais, visto que performava como um adaptador, resgatando narrativas populares e produzindo um cenário segundo as características e preceitos de sua classe social. Portanto,

Quando se consideram as narrativas coletadas, portanto, é preciso levar em conta dois momentos: o momento do conto folclórico, sem endereçamento à infância, circulando entre adultos, e, mais tarde, a adaptação pedagógica com direcionamento à criança. É no segundo momento que surge o caráter de advertência, fazendo com que a personagem que se afaste das regras estabelecidas seja punida, [...] (CADEMARTORI, 2010, p. 44).

Destarte, a adaptação dos contos populares aliou-se à concepção sobre os pequenos apresentada nesse momento. Com efeito, essa construção parte do popular para o pedagógico e reverbera referências do contexto social ao qual estava inserido, como a cristianização, defendida pela Contrarreforma. Além disso, apresenta ações morais burguesas que definiam o conceito de “correto” e de “errado”, o qual deveria ser ensinado às crianças por meio das consequências sofridas pelas personagens quando elas “fugiam” do determinado pela sociedade/adultos.

Nesse mesmo período, outro intelectual francês de destaque é La Fontaine, que resgata histórias da cultura popular e as mescla com produções documentais da Grécia e da Roma Antiga, além de histórias pertencentes à cultura oriental. A partir dessa união, o autor adapta essas histórias em versos, produzindo um dos gêneros literários de maior destaque na literatura destinada às crianças e aos jovens: a fábula. As histórias foram editadas entre 1668 e 1694, com isso,

durante vinte e cinco anos, trabalhou na busca e no cotejo desses textos antigos e os reelaborou em versos, dando-lhes a forma literária definitiva – Fábulas de La Fontaine – que, há séculos, vêm servindo de fonte para as mil e uma adaptações que se espalham pelo mundo todo (COELHO, 2012, p. 28).

Com os avanços industriais que permeavam a Europa, a transição do século XVII para o XVIII foi marcada por revoluções, a exemplo: a Revolução Francesa⁵ e a Revolução

⁵ A Revolução Francesa foi iniciada em 14 de julho de 1789 com a tomada da Bastilha. Esse movimento foi promovido pela burguesia francesa e contou com a participação de outros setores das classes mais baixas.

Industrial⁶. Nesse percurso, ocorreram mudanças no sistema econômico, político e social. O declínio do sistema feudal, a estabilização da burguesia, o êxodo rural e o crescimento dos centros urbanos, aliado à produção em massa de objetos e à defesa de uma ideologia diferente, traçam um novo paradigma, consolidando, assim, um novo sistema econômico: o capitalismo.

Tal sistema promoveu o uso do motor, o aumento da produção, o acúmulo de riquezas e a exploração de mão de obra, constituindo a divisão das classes sociais em um novo formato: o proletariado e a burguesia. Além disso, como sistema social e político, a burguesia procurou se diferenciar dos métodos adotados na Idade Média, em primeira instância, evitando os combates armados diretos — porém, é importante ressaltar que em algumas situações recorriam a essa forma de violência — e valendo-se, também, de outras, como: exploração e coerção para consolidar seus ensejos.

Nesse momento, a classe burguesa estabelece algumas instituições para a difusão dos seus ideais, sendo elas, a família e a escola. A família, em que cada membro é responsável por um estereótipo/função, como o homem provedor do lar, a mulher responsável pela vida doméstica e a criança que ganha um novo olhar, haja vista que com a modernização dos meios de produção e o avanço das ciências, ela passa a ser alvo de novas designações. Como apontado por Lajolo e Zilberman (2006),

a criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária. Todavia, a função que lhe cabe desempenhar é apenas de natureza simbólica, pois se trata antes de assumir uma imagem perante a sociedade, a de alvo da atenção e interesse dos adultos, que de exercer uma atividade econômica ou comunitariamente produtiva, da qual adviesse alguma importância política e reivindicatória (p. 17).

A escola, segunda instituição essencial na consolidação da ideologia burguesa, ganha um espaço de destaque nessa nova conjuntura. Até meados do século XVIII, a escola era facultativa, mas com o processo de modernização nos moldes burgueses era necessário outro segmento, além do familiar, para promover a mediação entre criança e sociedade. Essa ação foi vital para o desenvolvimento de um sistema educacional, em que as crianças de todas as classes — e não somente da classe burguesa — tivessem acesso ao processo educativo, cujo objetivo era qualificar as crianças e os jovens para o mundo adulto.

⁶ A Revolução Industrial teve início na Inglaterra, durante a segunda metade do século XVIII, com o surgimento de máquinas a vapor.

Nessa conjuntura, os livros destinados ao público infantil ganham destaque em razão do seu viés educativo e comercial, uma vez que “a literatura infantil assume, desde o começo, a condição de mercadoria” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2006, p. 18). Assim, o processo educativo desse período é marcado pelos aspectos pedagógicos, o interesse em qualificar os jovens para o mundo adulto e o acesso aos livros impressos que circulavam nos meios educativos.

Decorrente das mudanças resultantes da Revolução Industrial, surge um novo cenário na Europa que influencia os campos econômico, político, social, cultural e literário. Com efeito, no início do século XIX, na Alemanha, os intelectuais e irmãos Jacob e Wilhelm Grimm realizam a busca e a recuperação de histórias e lendas germânicas que eram transmitidas oralmente durante a Idade Média, em razão do interesse de constituir um estudo sobre a linguística alemã. Entretanto,

em meio à imensa massa de textos que lhes servia para os estudos linguísticos, os Grimm foram descobrindo o fantástico acervo de narrativas maravilhosas, que, selecionadas entre as centenas registradas pela memória do povo, acabaram por formar a coletânea que é hoje conhecida como Literatura Clássica Infantil (COELHO, 2012, p. 29).

Assim como Perrault, os irmãos Grimm buscam no folclore e na tradição oral as histórias populares e performam como adaptadores dessas narrativas. Desse modo, produzem a segunda coletânea de contos de fadas, formada por narrativas como *A Bela Adormecida*, *A Branca de Neve e os sete anões*, *Chapeuzinho Vermelho*, *A Gata Borralheira*, entre outras. Segundo Colomer (2017), em 1819, os Irmãos Grimm publicaram uma nova edição das narrativas recolhidas e adaptadas por eles, dessa vez com foco no público infantil.

Em síntese, é importante destacar o período de publicação das duas coletâneas. As histórias apresentam diferenças entre as temáticas e as ações sociais das personagens. Com isso, os contos passaram por alterações no enredo, com o intuito de adequar o material literário para o público alvo, removendo a violência explícita e introduzindo o viés simbólico dessa ação. Além de acrescentar o final feliz para os personagens bons e o final trágico/triste para os personagens descritos como maus.

Dando continuidade, outro nome de destaque no cenário da literatura destinada às crianças e aos jovens no século XIX é o do dinamarquês Hans Christian Andersen. O autor é responsável por não só adaptar histórias da tradição popular, mas também, escrever os primeiros contos originais da narrativa infantojuvenil. Dentre suas narrativas, algumas delas são *O*

Patinho Feio, Os Sapatinhos Vermelhos, O Soldadinho de Chumbo, A Roupa Nova do Imperador, João e Maria, entre outros.

Outro ponto de destaque na produção do dinamarquês é a caracterização de suas narrativas como tristes ou trágicas, isso se consolida em razão da constante referência ao seu contexto social em decorrência das mudanças e desigualdades acarretadas pelo processo de industrialização. Aliado a essa visão, Andersen repercutiu os modelos sociais e os ideais apresentados pelo movimento romântico. Nessa conjuntura,

Andersen passou à história como a primeira voz autenticamente “romântica” a contar histórias para as crianças e a sugerir-lhes padrões de comportamento a serem adotados pela nova sociedade que naquele momento se organizava. Entre os diversos valores ideológicos consagrados pelo Romantismo (COELHO, 2012, p. 31).

Ainda no século XIX, com a consolidação dos contos de fadas e o desenvolvimento de histórias para os pequenos, outras narrativas destinadas às crianças e aos jovens surgem. Com efeito, podemos destacar o novo repertório apresentado pelos escritores, com a introdução de novas temáticas, os recursos fantásticos, o *nonsense*⁷, o protagonismo imaginativo e a criança e o jovem como seres ativos, curiosos, criativos e corajosos.

Algumas das narrativas e autores desse período são *Pinóquio*, do italiano Carlo Collodi, *O mágico de Oz*, do americano L. Frank Baum, *Peter Pan*, do escocês J. M. Barrie, e *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*, do inglês Lewis Carroll. Dando continuidade, é no decorrer desse século que novos tipos de gêneros surgem entre as produções para as crianças e os jovens, constituindo um novo panorama na literatura destinada ao público infantojuvenil. Colomer aponta que

ao longo do século XIX foram surgindo distintos tipos de gêneros entre os livros infantis. [...] algumas obras demonstraram sua capacidade de conexão com a infância e a adolescência e foram consagradas pela história da literatura infantil e juvenil como os clássicos deste tipo de literatura (COLOMER, 2017, p. 155)

No Brasil, é apenas no final do século XIX que surgem os primeiros escritos destinados ao público infantojuvenil. Esse quadro é resultado das mudanças políticas, econômicas e sociais que permeiam o cenário nacional, segundo Aguiar (2012), com a consolidação da República

⁷ “O *nonsense* literário é caracterizado, a princípio, pela falta de sentido. Como a nomenclatura alude por meio da composição de duas palavras para formarem uma terceira: há o *non* e *sense*, que traduzidas literalmente da língua inglesa, seria o “sem senso” (MARUCCI; GIROLDO, 2020, p. 570).

surgiu a preocupação com uma educação para as crianças e os jovens da sociedade, bem como com os textos destinados a esse público. Nesse espaço, além das adaptações dos contos de fadas europeus, ocorre a produção de narrativas aliadas ao caráter religioso e nacionalista que deveria ser destinado ao público infantojuvenil e com isso promover o sentimento de orgulho entre os pequenos. Em decorrência desse momento, Coelho afirma que

Simultaneamente ao aumento de traduções e adaptações de livros literários para o público infanto-juvenil, começa a se firmar, no Brasil, a consciência de que uma literatura própria, que valorizasse o nacional, se fazia urgente para a criança e para a juventude brasileiras. (Tal como vinha sendo feito na área da literatura “adulta” e nos demais setores do pensamento culto.) (COELHO, 1985, p. 166).

Um dos nomes de destaque nesse período é o do brasileiro Alberto Figueiredo Pimentel, que, nos anos finais do século XIX, publica a coletânea *Contos da Carochinha* (1894), composta por traduções e narrativas oriundas da tradição oral nacional. Assim, Pimentel, realiza a tradução dos contos de fadas produzidos por Perrault e pelos Irmãos Grimm, além de seguir o mesmo caminho dos europeus e buscar na tradição oral popular brasileira, histórias contadas pelos habitantes, nesse sentido, performando como adaptador dessas narrativas para o público infantil. Portanto,

quando decidiu dedicar-se à literatura infantil, preferiu seguir o caminho sugerido pelos irmãos Grimm. Publicou coletâneas de muito sucesso, como os *Contos da Carochinha* (1894), onde se encontram as histórias de fadas européias, ao lado de narrativas coletadas entre os descendentes dos povoadores do Brasil. Há histórias de origem portuguesa e também narrativas contadas pelas escravas que educavam a infância brasileira no século XIX. (ZILBERMAN, 2005, p. 17-18).

Para além de Pimentel, outros autores brasileiros se aventuraram pelas produções de narrativas destinadas ao público infantojuvenil. Esses literatos produziam histórias originais, recorrendo a narrativas populares, a adaptações de narrativas de origem europeia e à republicação de enredos, os quais, anteriormente, tinham como foco os adultos. Contudo, nesse novo cenário de criação, as obras são destinadas aos pequenos. Porém, é apenas no século XX, na década de 1920, que o autor Monteiro Lobato publica *A menina do narizinho arrebitado* e redefine um novo cenário para a Literatura Infantil e Juvenil no país.

Nessa nova perspectiva, Lobato “rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia” (COELHO, 1985, p. 185). O autor responsável pela criação do *Sítio do Pica-Pau Amarelo* e personagens como

Narizinho, a boneca de pano Emília, Pedrinho, Dona Benta, Tia Nastácia, entre outros, marca o imaginário infantil ao apresentar um local de encontro entre os pequenos, os adultos, as criaturas mágicas dos contos de fadas e das narrativas clássicas e personalidades integrantes do folclore nacional. Com isso, o escritor redefine o espaço destinado às crianças e aos jovens. Por meio das suas histórias, produz uma extensa criação original, utilizando, nesses escritos, os personagens já tão conhecidos das suas histórias, os quais já foram citados anteriormente nesse parágrafo.

No campo literário, Monteiro Lobato, além de escritor, atuou como adaptador e tradutor. Como adaptador, Coelho (1985) afirma que Lobato atendeu a um duplo objetivo, pois levava aos pequenos o conhecimento da tradição e a possibilidade de questionar os valores e verdades ditas nas narrativas. Em seu trabalho como tradutor, algumas das histórias traduzidas por Monteiro Lobato foram *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, *Poliana e Poliana Moça*, de Eleanor Porter.

Nesse período, outros autores contribuíram para a Literatura Infantojuvenil no país, como: Viriato Correia, Graciliano Ramos, Erico Veríssimo e Maria José Dupré. É importante ressaltar que o período compreendido entre 1920 até a década de 1970 é conhecido como Período Lobatiano⁸, apenas no início dos anos 1970 é que a literatura destinada aos pequenos ganha um novo olhar em detrimento do momento social, econômico e cultural. Esses fatores influenciam diretamente nas temáticas em discussão e nas novas objetividades e necessidades dos autores e leitores. Assim,

Durante os anos 70, foi como se a literatura infantil brasileira começasse a recontar a história, rejeitando o que a antecedeu e recusando mecanismos simplórios de inserção e aceitação social. Graças a essa empreitada arriscada, ela ganhou, sem barganhar, espaço na escola e junto ao público (ZILBERMAN, 2005, p. 52).

Com essa nova configuração, a modernização editorial, ao apontarmos a produção desse período, destacamos Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Ziraldo, Joel Rufino dos Santos, Lygia Bojunga, Pedro Bandeira, entre outros. Nessas narrativas, os autores integram elementos ilustrativos, temas transversais e crianças e jovens protagonistas das suas histórias. Desse modo,

⁸ Segundo Gomes (2021), essa divisão ocorre a partir da publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, por Monteiro Lobato, em 1920. Nessa perspectiva, Nelly Novaes Coelho através da obra *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*, dividiu a produção nacional em três épocas: a Precursora (período pré-lobatiano), de 1808 a 1919; a Moderna (período lobatiano), de 1920 a 1970; e a Pós-moderna (período pós-lobatiano), de 1970 até a publicação a última versão publicada do dicionário em 2006.

os escritores promovem a aproximação com o público leitor ao recorrer à união de elementos da tradição nacional, elementos imaginativos e elementos mágicos. Outro fator de destaque nesse momento são as narrativas que despertam o questionamento, possibilitando ao leitor um maior reconhecimento e aproximação com o texto escrito.

Além dos autores citados anteriormente, escritores consagrados pelo público na produção de narrativas para adultos destinaram um olhar para a Literatura Infantojuvenil e escreveram diversas histórias para as crianças e os jovens, entre eles temos Clarice Lispector, Cecília Meireles e Mário Quintana.

A literatura para os pequenos ganhou espaço no contexto nacional e fomentou a criação de diversas produções, adaptações e releituras. Com efeito, surgiu um novo olhar para o público leitor e para suas necessidades. Essa efervescência produtiva e o acesso a novas temáticas, culturas, faixas etárias e elementos mágicos consagrou o reconhecimento da literatura produzida no nosso país. Dessa forma,

o reconhecimento da literatura infantil e juvenil brasileira no exterior tem início no período pós-lobatiano. Em 1982, Lygia Bojunga foi a primeira autora a receber o Prêmio Hans Christian Andersen pelo conjunto de sua obra. Em 2000, Ana Maria Machado voltou a ganhar esse mesmo prêmio, considerado o Oscar da Literatura Infantil e Juvenil (GOMES, 2021, p. 42).

A Literatura Infantojuvenil nacional no século XXI ganhou um novo espaço e suportes. Isso se deve em detrimento das mudanças sociais e tecnológicas. Com o avanço digital, novos formatos de livros surgiram no campo literário e editorial, como os livros digitais (conhecidos como *e-books*) e os livros animados, que são disponibilizados por intermédio das redes sociais, como *Instagram*, *TikTok*, *Twitter* e *Youtube*. Por isso,

a literatura feita para o jovem da atualidade está vinculada à arte, isto é, ao mesmo tempo que traz à tona as discussões de valores sociais, devolve para a sociedade novas maneiras artísticas de discutir e veicular esses valores, seja por meio de múltiplas linguagens, seja por intermédio das atuais formas de suporte para que essa arte seja veiculada (GREGORIN, 2011, p. 41).

Nessa vertente, as narrativas aproximaram-se de seu público, de suas singularidades e de suas pluralidades. Os autores, por meio de suas construções, colocam em pauta as temáticas fraturantes, os temas transversais, o espaço nacional e a diversidade cultural do país. Além disso, aproximam o leitor das suas origens para o reconhecimento de sua história, mesclando,

nesses escritos, o maravilhoso, o fantástico, a curiosidade, o questionamento e a diversão, e, acima de tudo, apresentam a criança e o jovem como protagonistas de suas próprias histórias.

Em virtude do nosso objetivo com este estudo, no próximo capítulo analisaremos a quebra de paradigma com a publicação da obra *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

3 A QUEBRA DE PARADIGMA: LEWIS CARROLL E O PAÍS DAS MARAVILHAS

*Foi assim que, bem devagar,
O País das Maravilhas foi urdido,
Um episódio vindo a outro se ligar [...]
(CARROLL, 2009, np).*

Na segunda metade do século XIX, na Inglaterra, no ano de 1865, o famoso matemático inglês Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll⁹ — nome que utilizava para assinar seus trabalhos de ficção — publica o livro *Alice no País das Maravilhas*¹⁰, narrativa que se tornaria um dos grandes clássicos da literatura para crianças e jovens.

A história de produção desse cânone mescla com os acontecimentos da vida pessoal do autor. Dodgson estudou em Christ Church College, Oxford, instituição na qual, anos depois, retornou como professor de matemática. Nesse período, Carroll fez algumas amizades, entre elas, o reitor/deão da Universidade, Henry George Liddell. Com a aproximação de Carroll com o Sr. Liddell, o autor conheceu a família do reitor, entre os familiares, uma de suas três filhas, Alice Liddell, que inspirou a produção da narrativa.

A história surgiu em um passeio de barco entre as três irmãs Liddell e Carroll. Nesse passeio, Alice Liddell pediu para que Dodgson contasse uma história para elas, a história narrada oralmente se tornaria, posteriormente, seu livro *Alice no País das Maravilhas*. Esse percurso é, brevemente, ilustrado em forma de poema no início da narrativa. A obra apresenta a história de Alice, uma criança que, ao seguir um Coelho Branco — que fala, usa relógio e se veste como uma pessoa — até a sua toca, adentra um país completamente diferente do seu e passa por inusitadas e divertidas aventuras.

Assim, o mundo real, no qual a menina vive, e o fantasioso, ao qual ela adentra, ligam-se em razão da curiosidade da personagem e do ensejo dela em descobrir aquele espaço completamente diferente do comum. Desse modo, a obra de Carroll é responsável por quebrar os modelos estabelecidos anteriormente — o da criação de uma literatura para crianças não

⁹ Lewis Carroll é o pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, nascido em 27 de janeiro de 1832 em Cheshire, Inglaterra. Suas obras mais famosas são *Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e sua continuação, *Através do Espelho*, publicada em 1872. Carroll morreu em 14 de julho de 1898, em decorrência de uma bronquite. (ZAHAR, 2009, p. 317)

¹⁰ Para a realização desta pesquisa, desenvolvemos a análise com base na edição de *Alice no País das Maravilhas* (2009), publicada pela Editora Zahar, com tradução de Maria Luiza X. de A. Borges e com as ilustrações originais da versão de 1865 do artista John Tenniel.

inscritas, de modo pleno, num fator pedagogizante direcionador de comportamentos — ao introduzir elementos do fantástico, ao recorrer ao imaginário, ao apresentar o *nonsense* no campo infantil e juvenil, e ao ressignificar o protagonismo desses escritos.

A obra de Carroll causou impacto ao apresentar uma protagonista com idade semelhante ao público a qual seu texto era endereçado, com características também próximas, como a curiosidade, o questionamento, a inteligência, a sensibilidade e a magia perante criações do imaginário. Vale ressaltar que, com a aproximação do público infantojuvenil, esse escrito não circulou apenas para esse grupo, mas transpôs a faixa etária e permeou/permeia o campo e o imaginário de leitores de diversas idades¹¹. Além disso, na produção de *Alice no País das Maravilhas*, Carroll uniu a sua narrativa a semiótica do texto escrito e visual, ao fundir sua história com as ilustrações do inglês John Tenniel¹² (1820-1914).

Nesse sentido, ao analisar os índices da narrativa escrita durante a Era Vitoriana, é perceptível a verossimilhança com episódios que remetem ao período de produção, desde as referências à educação da pequena Alice, até a figura da Rainha que habita e governa o País das Maravilhas. Com efeito, um leitor juvenil que, em seu conhecimento de mundo, detenha percepções acerca do fato histórico, atribui uma interpretação acerca dos eventos construídos. Essa relação propicia diversas análises e leituras do texto literário produzido.

Ademais, partindo desses referenciais, analisaremos, no subtópico seguinte, como esses índices foram essenciais para a construção do universo fantástico de Carroll e sua influência na produção ficcional do autor.

3.1 Corte-lhe a cabeça!: a verossimilhança entre a Era Vitoriana e o País das Maravilhas

Alice no País das Maravilhas apresenta um enredo que à primeira vista não faz tanto sentido, em razão da lógica incomum e dos acontecimentos inusitados descritos pelo autor. Entretanto, ao recorrer aos símbolos que integram aquele ambiente, notamos a presença de

¹¹ Em razão da nossa pesquisa, objetivamos analisar a obra com base nos estudos direcionados para o público infantojuvenil.

¹² “John Tenniel nasceu em Londres em 1820. Cego de um olho e com uma memória fotográfica prodigiosa, desenhava sem modelos. Entre 1850 e 1901 colaborou com a revista satírica *Punch*, para a qual produziu mais de 2.000 ilustrações e caricaturas. Ilustrou também vários livros, incluindo uma edição de 1848 das fábulas de Esopo, porém seus trabalhos mais importantes foram em *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho*. John Tenniel morreu em 1914” (ZAHAR, 2009, p. 317).

estruturas e representações do período em que Carroll concebeu a obra. Esse espaço de tempo, compreendido entre 1837 e 1901, ficou historicamente conhecido como Era Vitoriana, em virtude do reinado da rainha Alexandrina Victoria (1819-1901).

A Inglaterra, durante o período vitoriano, passava por um momento de transição nos setores da sociedade. Com efeito, a economia apresentava novas formas de produção com os efeitos da Revolução Industrial, e essa crescente econômica influenciava, diretamente, outros espaços, como o campo das descobertas científicas e o do desenvolvimento comercial. Entrementes, esse período também foi marcado pela desigualdade, pois, enquanto os burgueses da cidade enriqueciam com os avanços, o meio industrial recorria ao uso de mão de obra barata e exploração das classes mais carentes da sociedade.

Ainda no caráter maniqueísta da Era Vitoriana, temos presente, nesse cenário, as virtudes vitorianas¹³, pautadas na moral e no puritanismo, que repreendiam qualquer comportamento considerado transgressor dos valores defendidos pelo vitorianismo. O núcleo familiar foi definido como o ponto de difusão desses preceitos, assim, todos os integrantes da família eram condicionados de acordo com o papel atribuído a cada figura. Além disso, a escola passa a atuar como um importante veículo nesse período, em razão das estruturas sociais desse novo cenário.

Nesse campo, através do texto narrativo, é perceptível uma análise da tradução desses índices através de construções que possibilitam uma reflexão acerca do sistema educacional destinado ao ensino das crianças, a relação entre adultos e o público infantojuvenil, a forma como o sistema político era estruturado e os questionamentos, as características e os costumes dos habitantes do País das Maravilhas que expressam ao longo das páginas a pluralidade social que figurava no período vitoriano, à vista disso,

ainda que tanto em *Alice no país das Maravilhas* como em *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá* seja possível fazer relações com o contexto sócio histórico, como mencionado anteriormente, isso não está explicitado no texto, é uma das possíveis leituras, além de servir para pensar outros contextos (MARUCCI; GIROLDO, 2020, p. 572).

¹³ As virtudes vitorianas eram especificamente vinculadas à postura moral, entendendo-se moral vitoriana como o conjunto de respostas, tanto emocionais como intelectuais, a um processo histórico permeado por crises, revoluções e avanços científicos. Eram consideradas virtudes, no século XIX inglês, a disciplina, a retidão (seriedade - *earnestness*) a limpeza, o trabalho árduo, a autoconfiança, o patriotismo, entre outros. As virtudes eram também entendidas em suas conotações sexuais de castidade e fidelidade conjugal, o que gerou a concepção popular do Vitorianismo como obsessivamente puritano em suas caracterizações (MORAIS, 2004, p. 24).

A partir dessa afirmativa, analisaremos a obra com base nos índices que se relacionam com o contexto e são de forma incomum introduzidos e adaptados por Carroll em sua narrativa. Para isso, em primeiro momento, recorreremos a um dos clássicos da Literatura Vitoriana, que, ao narrar a trajetória de sua personagem da infância à vida adulta, respalda nos modelos educativos vigentes no período e situações comuns no cotidiano educacional inglês vitoriano.

Em *Jane Eyre*, romance da autora inglesa Charlotte Brontë (1816 – 1855)¹⁴ publicado durante a Era Vitoriana, encontramos referências a um dos métodos educacionais prelecionados no período. Jane, ainda criança, vislumbra — e em momento posterior reproduz tal ação — nessa cena o modelo de ensino pautado na captação, na leitura e na repetição das lições oralmente, como perceptível na ação a seguir

Vistas à luz mortiça das velas, seu número me pareceu infinito, embora na realidade não excedesse oitenta; trajavam idênticos vestidos de tecido marrom e corte antiquado, e compridos aventais de linho. Era hora do estudo; estavam ocupadas decorando as tarefas para o dia seguinte, e o sibilo que ouvi era o resultado da combinação de suas repetições sussurradas (BRONTË, 2018, p. 62-63).

Em *Alice no País das Maravilhas*, temos a presença dessa constante na narrativa. Carroll apresenta situações que misturam o ilógico com o tom crítico aos modelos educacionais vigentes no vitorianismo, como o ensino pautado na repetição, a decodificação e fixação de textos que respaldava nos conceitos e virtudes pedagógicos do período, como delineado nos seguintes trechos

“Devo estar chegando perto do centro da Terra. Deixe-me ver: isso seria a uns seis mil e quinhentos quilômetros de profundidade, acho...” (pois, como você vê, Alice aprendera várias coisas desse tipo na escola e, **embora essa não fosse uma oportunidade muito boa de exibir seu conhecimento, já que não havia ninguém para escutá-la, era sempre bom repassar**)” (CARROLL, 2009, p. 15, grifo nosso).

Logo recomeçou. “Gostaria de saber se vou cair direto *através* da Terra! Como vai ser engraçado sair no meio daquela gente que anda de cabeça para baixo! Os antipatias, acho...” (**desta vez estava muito satisfeita por não haver ninguém escutando, pois aquela não parecia mesmo ser a palavra certa**) (CARROLL, 2009, p. 15, grifo nosso).

¹⁴ Charlotte Brontë, reconhecida principalmente por seu romance *Jane Eyre*, um dos mais aclamados da literatura inglesa, escreveu sua principal obra sob o pseudônimo Currer Bell, uma vez que a mulher não era permitida escrever sobre determinados temas, como religião, sexualidade ou até mesmo sobre ser independente (BENTO, 2019, p.11).

A primeira cena ressalta o caráter repetitivo das lições, nesse momento, Alice, ao constatar durante a queda algumas informações, atenta como seria válido apresentar esse conhecimento perante outras pessoas. Em contra ponto, na cena posterior, quando confrontada por reflexões de tópicos que não dominava, agradece por não ter um ouvinte das suas verbalizações. Essas cenas apresentam índices que se assemelham ao conceito educativo da Era Vitoriana. Além disso, em descrições encontramos na narrativa outros índices que se aproximam do preceito moral educativo no período, como evidenciado no trecho abaixo:

“Gostaria de ouvi-la recitando alguma coisa agora. Mande-a começar.” Olhou para o Grifo, como se achasse que ele tinha algum tipo de autoridade sobre Alice.

“Levante-se e recite ‘*Esta é a voz do preguiçoso*’, ordenou o Grifo.

“Como as criaturas dão ordens à gente e nos fazem decorar lições!” pensou Alice (CARROLL, 2009, p. 122, grifo do autor).

Ainda no espaço educacional, como exposto no capítulo anterior, os Contos de Fadas até meados do século XIX eram permeados por intenções morais e pedagógicas, de acordo com os interesses da classe burguesa que visava uma forma de educar e advertir os pequenos e jovens leitores de acordo com as suas intencionalidades. Desse modo, essas narrativas figuravam, durante o período vitoriano, como uma forma de instruir e alertar para as problemáticas que poderiam advir, caso fosse contra o postulado pela moral vigente da época. Em *Alice no País das Maravilhas*, os contos ganham um tom diferente, ao delinear uma reflexão sobre as histórias pertencentes a esse modelo narrativo, como ilustrado no seguinte trecho:

Era muito fácil dizer “Beba-me”, mas a ajuizada pequena Alice não iria fazer isso *assim* às pressas. “Não, primeiro vou olhar”, disse, “e ver se está escrito ‘*veneno*’ ou não”; pois lera muitas historinhas divertidas sobre crianças que tinham ficado queimadas e sido comidas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regrinhas simples que seus amigos lhe haviam ensinado (CARROLL, 2009, p. 18-19).

A aristocracia figura presença no País das Maravilhas, através de personagens como a Duquesa, o Rei e a Rainha de Copas. Essas três figuras fictícias se relacionam de forma curiosa com Alice ao unir o ilógico com atitudes que reverberam índices com o período de produção da obra. De modo inicial, destacamos a figura da Duquesa que, de forma curiosa e ilógica, versa sobre o tempo e a revolução junto com a pequena Alice.

Segundo Morais (2004), o período vitoriano vivia uma dualidade: por um lado, a efervescência das conquistas, em virtude da Revolução Industrial, o sentimento de libertação e

as expectativas para o futuro. Em contraponto, por outro lado, a ansiedade, o temor e o perigo de uma revolução como a francesa, que refrearia os avanços da classe dominante e a crescente liderança no espaço mundial.

Nesse ponto, ao retornarmos a narrativa de Carroll, Alice, em sua jornada, adentra a casa da Duquesa e, a partir dessa ação, nos deparamos com a curiosa interação entre as personagens. Alice em dado momento é surpreendida pela cozinheira que começa a jogar objetos na Duquesa e no bebê que estava com a monarca. Nesse cenário, ao ver a situação, a menina alerta a personagem, que a ignora e inicia um diálogo sobre o tempo. A partir disso, Alice vê nessa oportunidade o momento para verbalizar seus conhecimentos, e em uma inusitada interação, Alice em um jogo lógico de palavras no processo de criação, troca a palavra rotação por revolução, como descrito na cena a seguir:

“Pense só no que seria feito do dia e da noite! Veja, a Terra leva vinte e quatro horas para complementar sua **revolução...**”
“Por falar em revolução”, disse a Duquesa, **“cortem-lhe a cabeça!”**
 (CARROLL, 2009, p. 72, grifo nosso).

A Rainha de Copas, antes de aparecer em cena, é mencionada algumas vezes pelos habitantes do País das Maravilhas. A sua aparição e a do Rei de Copas é introduzida por um longo cortejo que contava com personagens já mencionados, como o Coelho Branco e outros desconhecidos por nossa protagonista. Assim, “seguia-os o Valete de Copas, transportando a coroa do Rei numa almofada de veludo vermelho; e por fim, fechando esse grande cortejo, **VIERAM O REI E A RAINHA DE COPAS**” (CARROLL, 2009, p. 94, grifo do autor).

Nesse contexto, a Rainha de Copas — de modo irônico e ilógico — simboliza o teor moral e conservador característico da Rainha Victoria. Esse comportamento no País das Maravilhas apresenta uma quebra da liberdade da protagonista, haja vista que uma figura de maior poderio determinava as ações dos habitantes daquele país. Nessa conjuntura, Alice como viajante que até então tinha sua liberdade naquele mundo fantástico, passa a agir, por um curto período de tempo, de acordo com os ensejos da monarca. Como ilustrado na cena a seguir

“Vamos continuar com o jogo”, disse a Rainha; Alice, apavorada demais para abrir a boca, acompanhou-a lentamente de volta ao campo de croqué.
 Os outros convidados tinham aproveitado a ausência da Rainha para descansar na sombra; assim que a viram, porém, correram de volta para o jogo, tendo a Rainha simplesmente observado que um segundo de atraso lhes custaria a vida (CARROLL, 2009, p. 108).

Dessa forma, as representações das personagens e a construção do enredo, alicerçados pela verossimilhança, permitem ao leitor construir uma ligação com o período de publicação da obra, por meio dos índices expostos. Assim, o caráter verossímil de algumas situações do País das Maravilhas se liga ao fantasioso, ao *nonsense* e às ilustrações que compõem a história para a consolidação da narrativa. Em face ao exposto, no subtópico seguinte, traçaremos algumas considerações acerca da ilustração em *Alice no País das Maravilhas*.

3.2 O campo de ilustração de John Tenniel: a importância da ilustração na narrativa

Um dos pontos característicos das produções infantojuvenis é a integração entre o texto escrito e a ilustração. Colomer (2017) aponta que esse recurso é fundamental para simplificar a leitura ou proporcionar um degrau para histórias mais complexas. Com isso, a ilustração detém um espaço de notoriedade dentro da Literatura Infantojuvenil, ao ligar-se de forma direta à narrativa escrita ou apresentar um enredo próprio.

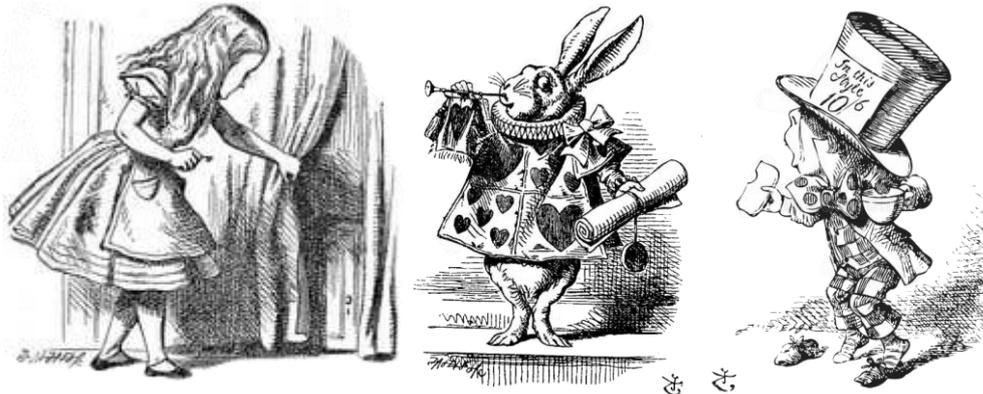
Com efeito, ao analisarmos a narrativa de Carroll, percebemos como o processo ilustrativo de Tenniel foi essencial para a produção da obra, uma vez que as ilustrações do artista possibilitaram a tradução visual do *nonsense* de Carroll e o retrato dos acontecimentos fantásticos por meio da construção simbólica de suas ilustrações. Vale ressaltar que, além de *Alice no País das Maravilhas*, Tenniel ilustrou *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*, resultando em 92 ilustrações do universo ficcional de Carroll.

A relação entre Tenniel e Carroll foi registrada por cartas que narram um pouco do processo de ideias, produção e consolidação das ilustrações. Em primeiro momento, é importante destacar que Tenniel se recusou a aceitar um modelo para base das suas produções. Com isso, a Alice de Tenniel não apresenta os traços físicos da Alice Lindell, mas sim as características físicas próprias dadas pelo ilustrador.

Nikolajeva e Scott (2011) afirmam que, para um ilustrador, a visualização do *nonsense* verbal é um desafio, pois permite infinitas possibilidades de percepção. Em Alice, temos a ocorrência dessa ação em virtude das inverossímeis situações descritas por Carroll ao longo do texto. Entretanto, Tenniel une ao *nonsense* de Carroll referências do período de produção da obra na caracterização dos animais antropomórficos, por meio da vestimenta, dos objetos e dos

símbolos que remetem à era. Além disso, as ilustrações de Tenniel aproximam o leitor do descrito, levando-o a visualizar as ações das personagens e a construção dos ambientes ao longo da narrativa, como podemos ver nas imagens a seguir.

Figura 1 – Alice, Coelho Branco e Chapeleiro Maluco.



Fonte: Ilustrações originais da obra, Tenniel (2009)¹⁵

Com a apresentação dos traços clássicos que marcam a sua produção, Tenniel, por meio de ilustrações em preto e branco, constrói graficamente a ambientação visual do País das Maravilhas. Desse modo, Tenniel constitui um quadro para suas produções que são consideradas referências até os dias atuais, dentro e fora do campo infantojuvenil. Essa constante se concretiza em razão da “sua combinação mágica de fantasia e *design*, mas também através da constante fonte de inspiração que a história e suas iconografias proporcionaram, e ainda proporcionam, aos artistas posteriores”¹⁶.

Posto isto, no próximo capítulo, analisaremos a personagem Alice no campo literário infantojuvenil e sua relação com os elementos e símbolos do País das Maravilhas.

¹⁵ Alice descobre a porta que possibilita o acesso ao País das Maravilhas; o Coelho Branco no tribunal tocando corneta e lendo a acusação sobre o roubo das tortas; o Chapeleiro Maluco testemunhando no tribunal.

¹⁶ No original: “their magical combination of fantasy and design, but also through the constant source of inspiration the story and its iconography have afforded, and are still affording, to later artists” (www.alice-in-wonderland.net).

4 QUEM É ALICE? ESTE É O GRANDE ENIGMA

No presente capítulo, analisaremos a personagem central da narrativa de Carroll, Alice. Para tanto, no primeiro momento, traçaremos algumas considerações acerca das definições e características do elemento narrativo¹⁷ personagem, na produção infantojuvenil. Após esse percurso, teceremos uma análise das características e da importância de Alice para a Literatura Infantojuvenil. Por fim, perscrutaremos o elo entre o real e imaginário criado por Carroll no País das Maravilhas por entremeio da personagem Alice.

4.1. A personagem na Literatura Infantojuvenil

Na Literatura Infantojuvenil, a personagem¹⁸ é um dos elementos de destaque na narrativa para os pequenos leitores. Esse fato é resultado do reconhecimento do leitor com as figuras fictícias que compõem a história, uma vez que elas apresentam idade próxima ou igual a do público endereçado. Ainda nesse ponto, os recursos mágicos, a ativação do imaginário, as referências culturais, e o uso de animais e objetos inanimados como personagens, estimulam a sagacidade e a curiosidade do leitor, aproximando-o daquele ser fictício descrito e ilustrado ao longo das páginas. Assim,

os personagens passam a fazer parte do mundo das crianças e permanecem em suas referências sobre a realidade como uma herança cultural compartilhada com os adultos. É um dos primeiros aspectos que permite às crianças descobrir a literatura como uma forma cultural comum sentir-se parte da “comunidade de leitores” como as outras pessoas à sua volta (COLOMER, 2017, p. 35).

O surgimento de personagens na literatura destinada às crianças e aos jovens se deu por intermédio da adaptação de narrativas orais para o texto escrito. Nesse viés, os livros passaram a integrar no espaço escolar e no meio de leitura — especialmente das crianças e jovens da classe burguesa. Vale ressaltar que os livros serviam de exemplo para o público infantojuvenil,

¹⁷ Como apontado por Gancho (2002), temos cinco elementos essenciais na narrativa, são eles: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador.

¹⁸ [a] personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais (GANCHO, 2002, p. 14).

assim, as primeiras produções da narrativa para crianças e jovens eram condicionadas a um caráter educativo, ou seja, possuíam morais as quais deveriam ser respeitadas e servir de exemplo para o crescente público leitor. Além disso, as narrativas empregavam o discurso de recompensa por meio da obediência, pois, caso se comportassem, as protagonistas recebiam o auxílio de um elemento maravilhoso para alcançar o que almejavam desde o início da história.

A exemplo, temos a narrativa *Cinderela* ou *O sapatinho de vidro*, na qual a personagem é tratada como uma empregada pela madrasta e suas duas filhas de gênio orgulhoso. Em certa ocasião, as personagens são convidadas para o baile oferecido pelo filho do rei, mas Cinderela não teve permissão para ir. Porém, em razão do seu bom comportamento, a figura fictícia recebe auxílio para a realização do seu desejo de ir ao baile, conforme nos mostra o seguinte trecho:

Enfim, o grande dia chegou. Elas partiram, e Cinderela seguiu-as com os olhos até onde pôde. Quando sumiram de vista, começou a chorar. Sua madrinha, que a viu em prantos, lhe perguntou o que tinha: “Eu gostaria tanto de...eu gostaria tanto de...” Cinderela soluçava tanto que não conseguia terminar a frase.

A madrinha, que era fada, disse a ela: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?”

“Ai de mim, como gostaria”, Cinderela disse, suspirando fundo.

“Pois bem, se prometer ser uma boa menina eu a farei ir ao baile.”

A fada madrinha foi com Cinderela até o quarto dela e lhe disse:

“Desça ao jardim e traga-me uma abóbora” (PERRAULT, 2010, p. 22).

A cena que dá seguimento a narrativa é a concretização do desejo de Cinderela, pois a abóbora torna-se uma bela carruagem dourada, os animais que ali se encontravam, como os camundongos, tornam-se belos cavalos e o rato um cocheiro. Ademais, a fada madrinha transforma as roupas de Cinderela em um belo vestido de baile e o sapatinho de cristal é o elemento de destaque na produção e na história da nossa protagonista. Graças à fada madrinha, a jovem consegue ir ao baile, torna-se o centro de atenções e cativa a atenção do príncipe. No dia seguinte, com a ajuda da madrinha, Cinderela retorna ao baile ainda mais deslumbrante, e o príncipe, encantado por ela, fica ao seu lado no decorrer do evento.

Entretanto, em decorrência da mágica da fada madrinha, a personagem só teria até a meia-noite para estar naquele recinto. Próximo ao horário combinado, a personagem sai às pressas para ir embora e perde um dos seus sapatinhos de vidro. O príncipe, apaixonado pela encantadora moça, encontra o sapatinho e passa a buscar no reino a dona daquele delicado calçado. Os servos, ao encontrarem a dona do sapatinho, levam-na até o príncipe, e eis que o conto finaliza com o casamento dos dois personagens.

No conto, Cinderela, a protagonista da história, é descrita como boa, bela, educada e paciente, ao contrário da antagonista — ou vilã —, sua madrasta, descrita como uma mulher soberba e orgulhosa, que explorava a jovem Cinderela. Como personagens secundários, temos o pai de Cinderela e o rei, entre outros que integram a história, mas não apresentam relevante destaque na narrativa. Nesse plano, destacamos que as personagens do conto são planas (personagens-tipo), uma vez que não possuem complexidade para o entendimento de suas características e intenções e são facilmente reconhecidas pelos pequenos leitores. Na perspectiva de Coelho (2000), as personagens-tipo ou planas são as figuras de maior destaque na Literatura Popular e na Literatura Infantil. Porém, é importante enfatizar que na contemporaneidade essa perspectiva vem sendo redefinida em razão das novas temáticas, histórias e representações apresentadas pelos autores.

No período compreendido entre o século XVII e o início do século XIX, temos a ocorrência dessas perspectivas, com determinadas alterações nas intencionalidades e nas atuações dos personagens em situações da narrativa, em razão das mudanças intelectuais, sociais e das revoluções que eclodiram no século XVIII. Diante disso, os contos de fadas ganham um novo elemento: a introdução do “viveram felizes para sempre” no destino descrito para as personagens principais.

Como ocorre no conto *A Bela Adormecida*, dos Irmãos Grimm, em que “O casamento da Rosa de Urze e do príncipe foi celebrado com grande esplendor, e os dois viveram felizes para sempre” (GRIMM, 2010, p. 128). Entretanto, esses novos contos de fadas mantinham um ponto em comum com as narrativas de Perrault: a passividade das personagens, especialmente, femininas, perante os acontecimentos.

Desse espaço de tempo, podemos destacar algumas personagens que transgrediram o avanço das sociedades e permanecem no imaginário cultural e literário até os dias atuais, como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Gato de Botas, Rapunzel, Branca de Neve, João e Maria, Bela Adormecida, entre outras. Essas narrativas ganharam, ao longo dos séculos, novas versões, adaptações e nuances. Suas histórias foram reescritas por diversos autores que propuseram um novo olhar em detrimento às mudanças sociais e aos avanços tecnológicos.

Na segunda metade do século XIX, com a consolidação dos contos de fadas, outras narrativas ganharam destaque na Literatura Infantojuvenil, permitindo um desvilhenciamento do caráter educativo e moralizante atribuído às personagens e às histórias até então. Com isso, o fantástico, a abertura para o diálogo, o humor, o ilusório, o *nonsense*, entre outros elementos,

passam a integrar os novos escritos. Essa mudança permite diferentes funções e descrições para as figuras fictícias que passam a exercer um papel atuante dentro da narrativa.

Com base nas obras publicadas no período, uma das personagens de destaque é Alice, de *Alice no País das Maravilhas*, do autor inglês Lewis Carroll. Esse processo — de protagonismo do público infantojuvenil — influenciou as narrativas e os personagens que surgiram, subsequentemente, no espaço da Literatura Infantil e Juvenil. Portanto,

Lewis Carroll foi um inovador do conto infantil. Criou histórias sem moralidade, abandonando o tom sentencioso comum às histórias do século XIX. À sua obra se pode dirigir muitas questões, ela suporta diversas leituras. O texto *Alice no país das maravilhas* dissolve a ordem estabelecida, o convencional, o lógico, o habitual, propondo o ilógico, o inusitado, o absurdo e a desordem instaurada a partir da queda de Alice no poço onde todas as coisas ficam soltas, ou seja, em estado de suspensão: tudo o que já se sabia, não se sabe mais (CADEMARTORI, 2010, p. 29-30).

No Brasil, antes da segunda década do século XX, as personagens, como nas narrativas antes de Carroll, eram passivas aos acontecimentos, uma vez que o viés moralizante e pedagógico sobrepujava os recursos imaginativos e questionadores comuns ao comportamento das crianças e dos jovens. No entanto, com a publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), de Monteiro Lobato, esse paradigma é redefinido, ao apresentar a menina Lúcia, conhecida por Narizinho, seu primo Pedrinho e a boneca de pano falante, Emília, como as personagens centrais das histórias, vide que esse foi o primeiro livro de uma longa série protagonizada pelas crianças e pela boneca Emília.

Nessa perspectiva, as crianças passam a exercer o papel de protagonistas e exploradoras dos recursos fantásticos empregados pelo autor. Além deles, os locais em que a narrativa transcorre são marcados pela integração e aparição de animais falantes, entidades históricas, figuras fantásticas e objetos que ganham vida. Desse modo, a redefinição proposta por Lobato é fundamental para a construção de personagens nas décadas seguintes no espaço literário infantojuvenil.

Até meados da década de 1970, a literatura destinada aos pequenos leitores seguiu o caminho trilhado por Monteiro Lobato, mas, a partir desse período, surgiram, no cenário nacional, novos autores e decorrente a isso, a caracterização das personagens é ressignificada. Tal ação surge em consequência das mudanças históricas, da necessidade de trabalhar novas temáticas e de enfatizar o local destinado às crianças e aos jovens nas discussões que ocorriam no período.

Com isso, o imaginário, os elementos maravilhosos, o fantástico, o humor e outros recursos foram essenciais para a construção de novos personagens e histórias nesse momento da Literatura Infantil e Juvenil nacional. Além disso, os recontos e adaptações figuram expressivamente e, desse modo, a união dos elementos e das personagens dos contos de fadas clássicos ganham novas versões, ao recorrer à crítica, à nostalgia, ao humor ou ao mistério. Como exemplo desse período, temos a narrativa *O fantástico mistério de Feiurinha* (1986), do autor Pedro Bandeira, em que as princesas, para solucionar o desaparecimento de Feiurinha, recorrem ao autor da história, ao invés do príncipe encantado, assim:

Todas juntas, uma senhora de chapéu vermelho, mais cinco princesas grávidas e de meia-idade entraram pela minha sala, todas devidamente anunciadas pelo Caio e todas ansiosas pela solução que eu ainda não havia encontrado. Todas elas! Todas as heroínas da minha infância, em carne e osso! Eu as reconheci imediatamente, mas a minha alegria por conhecê-las foi superada pelo meu remorso em não ter ainda podido livrá-las da aflição que as perseguia (BANDEIRA, 2009, p. 35).

No contexto contemporâneo, as personagens se apresentam nas mais diversas faixas etárias do seu público-alvo, ampliando sua identificação com o leitor. Além disso, a representatividade étnica e cultural permeia as produções atuais, aproximando-se do seu público leitor. Ainda nesse espaço, temáticas sociais, temas fraturantes, conflitos psicológicos, questões políticas e de gênero adentram esse campo na contemporaneidade. Na perspectiva de Colomer (2017), “as formas literárias correspondentes às novas coordenadas potencializaram a busca do prazer do leitor e diminuíram as fronteiras entre a literatura para crianças e os sistemas artísticos adultos” (p. 210).

Desse modo, por intermédio do conto, da novela, do romance, da ficção científica, da distopia, das histórias em quadrinhos, da *graphic novel*, entre outros, as narrativas apresentam novas nuances e personagens que possibilitam um cenário de representações e de tocantes histórias na produção da Literatura Infantil e Juvenil atual. Nesse sentido, visando o objetivo do nosso estudo, no próximo subtópico, discutiremos acerca da caracterização e importância de Alice para a Literatura Infantil e Juvenil.

4.1.1 A caracterização e a importância da personagem Alice para a Literatura Infantojuvenil

Como abordado no subtópico anterior, a narrativa *Alice no País das Maravilhas* e sua personagem, Alice, redefinem a história da Literatura Infantil e Juvenil, ao propor um enredo em que a personagem não é apática aos acontecimentos. Isso ocorre, uma vez que Alice, ao se deparar com situações que fogem da lógica comum, adentra um novo universo, fugindo do caráter moralizante e das ações passivas, que as histórias anteriores eram enquadradas. Esse cenário criado por Carroll introduziu a Literatura Fantástica no espaço infantojuvenil e influenciou diretamente as produções posteriores para as crianças e os jovens. À vista disso,

Carroll inventou a história para uma Alice real e suas irmãs em uma tarde de verão. Longe de qualquer propósito didático típico da época, Carroll criou um autêntico relato literário no qual fundiu as fronteiras da realidade e da fantasia, misturou outros modelos narrativos como o *nonsense* e a paródia das convenções sociais e incluiu inclusive a interrogação sobre a própria linguagem. A passagem para um mundo de fantasia com animais falantes, poções mágicas, rimas absurdas, adivinhações ou jogos de palavras mostram a dívida folclórica de Carroll, mas a decidida ampliação das possibilidades da ficção fantástica empreendida por ele e seguida por muitos outros autores posteriores fez com que, gradualmente, os temas de imaginação fossem ocupando o coração da literatura infantil e juvenil (COLOMER, 2017, p. 163-164).

Nessa perspectiva, ao analisarmos minuciosamente o escrito do autor inglês, Alice é o ponto central para o desenrolar dos acontecimentos da história. Como resultado, as ações da narrativa se pautam na curiosa peregrinação da personagem pelo universo fantástico, uma vez que esse percurso não apresenta tempo cronológico e nem uma linearidade. Logo, os questionamentos, as visões, as opiniões de Alice e as suas curiosas interações com os habitantes do País das Maravilhas, desenrolam-se ao longo da narrativa, definindo as vivências da criança durante essa aventura.

Ao adentrarmos a obra, temos evidenciado dois mundos: o real, no qual Alice habita, e o imaginário, representado pelo País das Maravilhas. A travessia entre o real e o fantástico é marcada pelo tempo e pela curiosidade, tendo em vista que Alice inicia a narrativa em uma ribanceira com sua irmã, mas ao ver um coelho retirar um relógio do bolso para conferir as horas e, em seguida, sair correndo, a menina se levanta e o segue até sua toca, sem pensar em como sairia daquele espaço.

A partir dessa travessia, adentramos um universo completamente diferente da realidade vivenciada pela personagem. Alice não cai diretamente no País das Maravilhas, mas sim em um salão comprido. Ao percorrer o espaço, avista uma pequena portinha de quarenta centímetros que permitia a passagem para o jardim, que ela descreve como um dos mais

encantadores que já viu. Nesse momento, Alice reflete sobre como adentrar aquele espaço encantador, e deseja “um manual com regras para encolher pessoas como telescópios” (CARROLL, 2009, p. 18).

Em virtude desse pensamento, a concretização do desejo de Alice ocorre por meio da percepção de uma garrafinha¹⁹ sob a mesa, a qual apresenta um rótulo com a instrução: “Beba-me”, que a fez encolher. Logo em seguida, após a personagem desejar crescer para alcançar a chave que dava acesso ao jardim — a qual ela tinha esquecido — surge um bolo, com a prescrição “Coma-me”²⁰ que faria a personagem crescer e alcançar a chave para abrir a pequena porta.

Dessa forma, percebemos que as ações fizeram Alice crescer e decrescer de tamanho para conseguir acessar o jardim mágico. Essa mudança de altura e perspectivas sobre si não aparece apenas no acesso ao jardim do País das Maravilhas, mas em outras cenas. Para exemplificar, Alice em sua ida a casa da Duquesa, a ordem do Coelho Branco, encontra uma garrafinha próxima ao espelho e, levada pela curiosidade, a menina ingere o líquido, como é descrito a seguir:

Desta vez não havia nenhum rótulo com a palavra “BEBE-ME”, mas mesmo assim ela a desarrolhou e levou aos lábios. “Sei que *alguma coisa* interessante sempre acontece”, pensou, “cada vez que como ou tomo qualquer coisa; então vou só ver o que é que esta garrafa faz. Espero que me faça crescer de novo, porque estou realmente cansada de ser esta coisinha tão pequenininha.” Foi o que aconteceu, e bem mais depressa do que Alice esperara: antes de tomar a metade da garrafa, sentiu a cabeça forçando o teto e teve de se abaixar para não quebrar o pescoço. Pousou a garrafa rápido, dizendo para si: “É mais do que o bastante... Espero não crescer ainda mais... Do jeito que está, já não passo pela porta... Não devia ter bebido tanto!” (CARROLL, 2009, p. 45)

Alice, em meio a essas repentinas mudanças provocadas pelo País das Maravilhas, reflete acerca de quem realmente ela é naquele espaço, como podemos perceber no seguinte trecho: “Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afinal de contas quem sou eu?’ Ah, *este é o grande enigma!*” (CARROLL, 2009, p. 25, grifo do autor). À vista disso, damos ênfase à construção feita pelo autor, pois ele, em um jogo de palavras e ações, cria situações por meio

¹⁹ dessa vez achou lá uma garrafinha (‘que com certeza não estava aqui antes’, pensou Alice), em cujo gargalo estava enrolado um rótulo de papel com as palavras ‘BEBE-ME’ graciosamente impressas em letras graúdas” (CARROLL, 2009, p. 18).

²⁰ Pouco depois deu com os olhos numa caixinha de vidro debaixo da mesa: abriu-a, e encontrou dentro um bolo muito pequeno, com as palavras “COMA-ME” lindamente escritas com passas sobre eles (CARROLL, 2009, p. 21, grifo do autor).

do imaginário que possibilitam o questionamento de Alice acerca da sua identidade, o que resulta, diretamente, nos passos de Alice no País das Maravilhas.

Assim, essa constante é frequente na narrativa, provocando o leitor a pensar sobre as alterações que ocorrem com o amadurecimento e o crescimento, proporcionado pela mudança de compreensão sobre si. Com isso, a figura fictícia é representada como protagonista de seus atos, criativa, curiosa, questionadora e com amplo acesso ao seu imaginário. Alice, ao deparar-se com os inusitados e divertidos acontecimentos do universo maravilhoso de Carroll, tem a curiosidade e a imaginação como seus aliados nessa trajetória.

Diante do apontado, para ilustrar algumas das características e questionamentos de Alice e, conseqüentemente, a influência nas suas ações durante o percurso da personagem no País das Maravilhas, desenvolvemos a seguinte tabela:

Tabela 1 – Sete ações de Alice no enredo de *Alice no País das Maravilhas*

| Ação | Cena |
|---|--|
| Seguindo o Coelho Branco | “Alice se levantou num pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade , correu pela campina atrás dele [...]” (CARROLL, 2009, p. 14, grifo nosso). |
| Despencando no poço | “pois, como você vê, Alice aprendera várias coisas desse tipo na escola e, embora essa não fosse uma oportunidade muito boa de exhibir seu conhecimento, já que não havia ninguém para escutá-la, era sempre bom repassar” (CARROLL, 2009, p. 15, grifo nosso). |
| Acesso ao imaginário e a continuação de sua aventura | “Como ficar esperando junto da portinha parecia não adiantar muito, voltou até a mesa com uma ponta de esperança de conseguir achar outra chave sobre ela, ou pelo menos um manual com regras para encolher pessoas como telescópios ; dessa vez achou lá uma garrafinha (“ que com certeza não estava aqui antes ”, pensou Alice), em cujo gargalo estava enrolado um rótulo de papel com as palavras “BEBA-ME” graciosamente impressas em letras graúdas” (CARROLL, 2009, p. 18, grifo nosso). |
| O contato com os animais do País das Maravilhas | “A primeira questão, claro, era como se enxugar: confabularam sobre isso e, após alguns minutos, pareceu muito natural a Alice ver-se conversando intimamente com eles, como se tivesse conhecido a vida toda ” (CARROLL, 2009, p. 33, grifo nosso). |
| As mudanças de altura e percepções sobre si ao longo da trajetória no País das Maravilhas | “Eu.... eu mal sei, Sir, neste exato momento...pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então” (CARROLL, 2009, p. 55, grifo nosso) |
| Questionamentos sobre | “ Poderiam me dizer ”, perguntou Alice, um pouco tímida, “ por que |

| | |
|---|---|
| os acontecimentos e histórias do País das Maravilhas | estão pintando essas rosas?” O cinco e o Sete nada responderam, mas olharam para o Dois. Este começou, falando baixo: “Ora, o fato, Senhorita, é que aqui devia ter sido plantada uma roseira de rosas <i>vermelhas</i> , e plantamos uma de rosas brancas por engano; se a Rainha descobrir, todos nós teremos nossas cabeças cortadas” (CARROLL, 2009, p. 93, grifo nosso). |
| Percepção das semelhanças entre o País das Maravilhas e sua realidade | “Como as criaturas dão ordens à gente e nos fazem decorar lições!” pensou Alice. “É como se eu estivesse na escola neste momento.” (CARROLL, 2009, p. 122, grifo nosso). |

Fonte: Elaborada pela autora com aporte na obra supracitada, 2022.

As características de Alice, como apontadas anteriormente na tabela, influenciam diretamente suas percepções e atitudes no decorrer do seu itinerário pelo País das Maravilhas, à vista que “Alice se torna ‘cada vez mais curiosa’ ao adentrar mais profundamente no País das Maravilhas”.²¹ A criança explora os diferentes espaços e traça inusitadas interações com os habitantes daquele lugar, como o curioso diálogo com o Gato de Cheshire, em que versam sobre a loucura e os habitantes do país, como exposto no trecho a seguir

“Mas não quero me meter com gente louca”, Alice observou.
 “Oh, É inevitável”, disse o Gato; “somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.”
 “Como sabe que sou louca?” perguntou Alice.
 “Só pode ser”, respondeu o Gato, “ou não teria vindo parar aqui.”
 (CARROLL, 2009, p. 77).

Dando continuidade, Alice, como uma viajante naquele universo, ao encontrar a Rainha de Copas, questiona-se sobre como se comportar naquela situação, após a ordem da Rainha para cortar sua cabeça — a qual Alice protesta — e após esse inicial conflito, a menina é convidada para um jogo de croqué²². Alice, em decorrência das ações inesperadas da majestade, reflete sobre o que pode acontecer com ela e como ela conseguiria fugir dali, como no seguinte trecho:

Os jogadores jogavam todos ao mesmo tempo, sem esperar pela sua vez, discutindo sem parar e disputando os ouriços; a Rainha logo ficou enfurecida, indo de um lado para outro batendo o pé e gritando “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!” a intervalos de cerca de um minuto.
 Alice começou a se sentir muito apreensiva. Era verdade que até agora não tivera nenhum conflito com a Rainha, mas sabia que isso podia acontecer a

²¹ No original: “Alice becomes “curiouser and curiouser” as she moves more deeply into Wonderland” (AUERBACH, 1973, p. 33).

²² “‘Muito bem!’ gritou a Rainha. ‘Sabe jogar croqué?’ [...] ‘Então venha!’ urrou a Rainha, e Alice se juntou ao cortejo, muito curiosa do que iria acontecer em seguida” (CARROLL, 2009, p. 97).

qualquer instante; “e nesse caso”, pensou, “que seria de mim? Eles são horrivelmente chegados a decapitar as pessoas aqui; o que me admira é que ainda sobre alguém vivo!”

Estava olhando em volta, procurando um meio de fugir e pensando se conseguiria escapar sem ser vista, quando notou uma curiosa aparição no ar [...] (CARROLL, 2009, p. 99-100).

Dessarte, por intermédio das aventuras da menina ao decorrer da narrativa “[...] o leitor é levado, sutilmente, a viver a experiência dele” (ROSENFELD, 2014, p. 23-24). Nesse cenário, os leitores são instigados a vivenciar esse percurso junto à personagem e, com isso, desvendar junto a ela os mistérios e loucuras daquele país nada convencional. Com efeito, ao aproximar a personagem do público infantojuvenil, é perceptível um amplo campo para a identificação entre o leitor e a personagem, bem como, entre o leitor e a obra, incentivando, assim, a leitura e o acesso ao imaginário.

Na contemporaneidade, Alice — tanto a narrativa, quanto a personagem — exercem significativa influência no campo literário e audiovisual, haja vista que já ganharam diversas releituras e adaptações ao longo dos anos. Como exemplo, podemos citar a animação *Alice no País das Maravilhas* de 1951, produzida pelos estúdios *Walt Disney*, a *live action*²³ *Alice no País das Maravilhas* de 2010, do diretor Tim Burton, *Alice no País da Mentira* (2016), escrita pelo brasileiro Pedro Bandeira, entre outras.

Isso ocorre, uma vez que ao transgredir a ordem vigente e descrever a trajetória de uma personagem em um universo, no qual muitas coisas não fazem sentido à primeira vista, ativa o imaginário e aguça a curiosidade dos leitores que enveredam por diferentes aventuras ao longo das páginas junto com Alice. Logo, enxergamos que a curiosidade e o questionamento sobre os elementos da sua realidade e as histórias fantásticas são comportamentos comuns nessa faixa etária. Essa ação aproxima Alice do público ao qual o texto é endereçado e possibilita diferentes visões ao texto literário. Desse modo,

a ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação (ROSENFELD, 2014, p. 48).

²³ São produções em que os personagens são interpretados por pessoas reais. Além disso, mesclam essa produção com elementos da animação.

Em razão da faixa etária que caracteriza a Literatura Infantojuvenil, diversos questionamentos e variadas percepções são levantados de acordo com a visão do leitor. Com efeito, temáticas como a busca pela compreensão do eu, a relação com outras pessoas da faixa etária, os animais falantes, a leitura de histórias destinadas ao público infantil, o acesso ao imaginário, a representação infantil — ao reconhecer uma criança como protagonista da sua história —, a confusão perante as mudanças e a sua maneira de lidar com os acontecimentos refletem essa relação e proximidade.

Em virtude do amplo campo de interpretações da relação de Alice com os acontecimentos da obra, no próximo subtópico, analisaremos o elo entre o real e o imaginário proposto pela travessia de Alice.

4.2 Alice: o elo entre o real e o imaginário

A travessia de Alice, como exposto no tópico anterior, é o marco entre sua passagem do mundo real, a qual a personagem habita, para o mundo imaginário, o qual ela adentra ao seguir o Coelho Branco e ao cair em sua toca. O elo construído entre os dois espaços se concretiza por meio da personagem-protagonista, Alice. Essa transgressão resulta na inserção de um amplo campo de simbologias e a introdução do *nonsense* e dos elementos fantásticos na narrativa.

As primeiras linhas da história, apresentam Alice e sua irmã mais velha em uma ribanceira, numa tediosa tarde de verão. A protagonista, entediada por não ter algo atrativo para fazer, reflete se valeria a pena criar uma guirlanda de flores, pois ela se sentia sonolenta em razão do calor que fazia naquela tarde. Essa monotonia é rompida quando Alice vislumbra um Coelho Branco correndo por ela.

Em primeiro momento, essa ação não causa surpresa na personagem e nem no leitor, mas quando em seguida o Coelho fala consigo mesmo sobre estar atrasado demais e logo depois quando ela avista ele retirar “*um relógio do bolso do colete* e olhar as horas, e depois sair em disparada” (CARROLL, 2009, p. 13, grifo do autor), temos um rompimento dos elementos que integram o mundo real.

A partir disso, Alice leva apenas alguns segundos para decidir correr pelas campinas atrás do Coelho. Essa hesitação da personagem é um componente característico do fantástico, na perspectiva de Todorov (2010), “o fantástico, como vimos, dura apenas o tempo da

hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da ‘realidade’” (p. 47). Alice, no primeiro momento, não estranha o coelho falar, mas ao perceber ele retirar um relógio do bolso, hesita perante aquela atitude e rompe com sua perspectiva da realidade, aproximando-a dos eventos insólitos do País das Maravilhas.

Nesse sentido, ao seguir o coelho e entrar em sua toca, Alice, em um rompante, se vê despencando em um poço muito profundo. Esse poço que tinha as paredes “fornadas de guarda-louças e estantes de livros; aqui e ali” (CARROLL, 2009, p. 14), figura como a decoração de uma residência, a qual pode ser associada ao Coelho Branco, já que, pela narração dos acontecimentos, ele é o único habitante do País das Maravilhas que tem/teve acesso ao mundo real, ou seja, ao mundo de Alice, assim, transitando entre os dois espaços.

Alice cai em um salão comprido, baixo e repleto de portas, que a menina confere e percebe que estão trancadas. Pensativa em como sair dali, topa em uma mesinha de três pernas contendo uma minúscula chave de ouro. Alice nota que essa chave deve abrir uma das portas do local, mas o tamanho das portas e da chave são divergentes. Entretanto, em uma “segunda rodada, deu com uma cortina baixa que não havia notado antes; atrás dela havia uma portinha de uns quarenta centímetros de altura: experimentou a chavinha de ouro, que para sua grande alegria, serviu!” (CARROLL, 2009, p. 17). Essa portinha, Alice constatou, dava acesso a um encantador jardim.

A partir disso, analisamos o uso de simbologias para a introdução da personagem no universo fantástico. Ao romper com os eventos da realidade e adentrar um local desconhecido para si, Alice instiga o leitor a, junto consigo, desvendar os mistérios daquele novo mundo. Assim sendo, espaços com cargas simbólicas são introduzidos na história da protagonista. Nessa defluência, podemos citar o jardim que é o primeiro vislumbre do País das Maravilhas visto por Alice. Segundo Chevalier e Gheerbrant (2015), o jardim é um espaço comum em sonhos e para alcançar esse campo é necessário acessar uma porta. Esse primeiro conflito de Alice, em resolver como adentrar o País das Maravilhas, nos leva à definição proposta pelos autores do que seria o jardim, assim:

é ele o sítio do crescimento, do cultivo de fenômenos vitais e interiores. [...] O muro do jardim mantém as forças internas, que florescem... Só é possível penetrar no jardim por uma porta estreita. Aquele que sonha é obrigado frequentemente a procurar essa porta dando a volta ao muro. É a imagem de uma longa evolução psíquica que alcançou uma riqueza anterior [...] (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 514-515, grifo dos autores).

Na continuação da sua jornada, Alice, já no País das Maravilhas, passa por inusitadas situações e conhece os plurais habitantes daquele mundo. Essa relação é marcada pelo *nonsense*, uma vez que os personagens em sua maioria descritos como animais, apresentam características humanas, expondo o caráter antropomórfico da criação de Carroll na caracterização dos habitantes daquele país. É importante frisar que os habitantes descritos como humanos, integravam o poder constituinte do país, sendo estes descritos na figura da Duquesa, do Rei e da Rainha de Copas.

Assim, as personagens, ao longo da aventura de Alice pelo País das Maravilhas, auxiliam, questionam e desafiam a protagonista. De acordo com os postulados de Colomer (2017), podemos perceber que o uso de animais para condução da narrativa pode apresentar ambiguidades e desmistificações. Logo, não esperamos, ao longo da história, atitudes como a de um coelho sempre preocupado com o tempo, um gato questionador que desaparece, uma lagarta que não se conforma com um simples pensamento e reflete sobre perspectivas e sentimentos.

Entre esses encontros, temos a curiosa e desafiadora conversa entre Alice e a Lagarta. Nessa cena, Alice busca compreender seu próprio eu naquele país, haja vista que, ao adentrar aquele novo mundo, a menina passou por diversas modificações e, com isso, alterou suas perspectivas sobre si mesma. Esse momento retorna ao acesso do imaginário e à construção insólita dos acontecimentos.

Desse modo, de tanto crescer e decrescer e ser questionada sobre quem ela mesma seria, Alice reflete seu pensamento para a Lagarta, pois ““eu mesma não consigo entender, para começar; e ser de tantos tamanhos diferentes num dia é muito perturbador”” (CARROLL, 2009, p. 55-57). Abrindo espaço para a percepção simbólica dessa ação, pois o ser humano passa por diversas mudanças ao longo de sua vida em razão do amadurecimento e referências do exterior. Esse processo é redefinido por Carroll de forma incomum e cômica ao longo da narrativa.

Nesse ponto, é importante enfatizar a presença do tempo como um dos elementos fundamentais para o percurso de Alice no País das Maravilhas, visto que tal constituinte aparece desde o primeiro parágrafo da história. Na narrativa, temos dois tempos: o do mundo real, em que Alice habita, e o do País das Maravilhas, que possui características divergentes do convencional.

Em uma análise minuciosa, é perceptível que Alice transitava entre um estado de sonolência — em virtude da monotonia e do clima — e o ensejo de manter-se acordada para se

aventurar. Com a visão do Coelho, que simbolicamente pode ser visto como “um intermediário entre este mundo e as realidades transcendentais do outro” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 541) e sua redenção ao sono e ao sonho — que é permeado pela linguagem dos símbolos, a jornada pelo País das Maravilhas é iniciada por Alice. A todo momento, o tempo é expresso por meio das mudanças de altura e das perspectivas sobre si, porém, é retomado com maior ênfase na visita de Alice a Lebre de Março e ao Chapeleiro Maluco.

Alice, ao sair do inusitado encontro com o Gato de Cheshire, deseja visitar o Chapeleiro, ação que se concretiza no capítulo seguinte, como descrito nas primeiras cenas do parágrafo, em que “FRENTE À CASA HAVIA UMA MESA posta sob uma árvore, e a Lebre de Março e o Chapeleiro estavam tomando chá” (CARROLL, 2009, p. 80, grifo do autor). Em uma análise simbólica, o chá possui a função de manter quem o bebe acordado, mas no País das Maravilhas, Carroll redefine esse elemento em situações incomuns, permeadas por questões de lógica e discussões sobre o tempo.

Com efeito, é importante termos em mente a formação do autor, haja vista que, ao analisarmos os acontecimentos no decorrer da obra, é perceptível o uso de recursos linguísticos que desafiam e incentivam a lógica e, em consequência, o imaginário da personagem e do leitor, como nos mostra a seguinte cena:

“Oba, vou me divertir um pouco agora! pensou Alice.
 “Que bom que tenham começado a propor adivinhações.” E acrescentou em voz alta: “Acho que posso matar esta.”
 “Está sugerindo que pode achar a resposta?” perguntou a Lebre de Março.
 “Exatamente isso”, declarou Alice.
 “Então deveria dizer o que pensa”, a Lebre de Março continuou. (CARROLL, 2009, p. 82).

Assim, “charadas sem respostas claras nos mostram que nosso conhecimento é incompleto, mas também, nos forçam a pensar em coisas familiares de maneira nova e diferente” (IRWIN, 2010, p. 147), ação que conduz Alice a um momento inesperado de reflexão e exposição de ideias. Dando continuidade, nesse momento, o tempo começa a apresentar seus primeiros vestígios no diálogo, dado que o Chapeleiro se mostra apreensivo com seu relógio e questiona Alice acerca do dia, constatando dois dias de atraso na datação do objeto. Desse modo, o Chapeleiro questiona a Lebre sobre esse atraso:

A Lebre de Março pegou o relógio e contemplou-o melancolicamente. Depois mergulhou-o na sua xícara de chá e fitou-o de novo. Mas não conseguiu encontrar nada melhor para dizer que seu primeiro comentário: “Era manteiga da *melhor* qualidade.”

Alice estivera olhando por cima do ombro dela com certa curiosidade. “Que relógio engraçado!” observou. “Marca o dia do mês, e não marca a hora!”
 “Por que deveria?” resmungou o Chapeleiro. “Por acaso o seu relógio marca o ano?”
 “Claro que não”, Alice respondeu mais que depressa, “mas é porque continua sendo o mesmo ano por muito tempo seguido.” (CARROLL, 2009, p. 83, grifo do autor).

Envolto pelo *nonsense*, os acontecimentos que permeiam essa cena levam Alice e o leitor a questionar como o tempo funciona naquele país, pois, de acordo com o exposto pelo Chapeleiro, o tempo que rege os eventos do País das Maravilhas é divergente do tempo do mundo em que Alice vive. Esse caso abre destaque para o imaginário e a personificação do Tempo no mundo das maravilhas, através da figura do Chapeleiro, que o apresenta na narrativa como *alguém/algo* próximo ““Se você conhecesse o Tempo tão bem quanto eu’, disse o Chapeleiro, ‘falaria *dele* com mais respeito”” (CARROLL, 2009, p. 84, grifo do autor).

Nesse cenário, o tempo ganha uma nova redefinição e, à vista disso, passa a figurar como uma personagem que permeia esse ambiente e possui características próprias, como o Chapeleiro aponta “Ele não suporta apanhar. Mas, se você e ele vivessem em boa paz, ele faria praticamente tudo o que você quisesse com o relógio” (CARROLL, 2009, p. 85). Assim, por meio de um discurso incomum, o Chapeleiro nos apresenta uma personificação simbólica do Tempo, como mediador de uma cronometragem diferente em um universo imaginário. Nessa perspectiva, essa construção se aproxima do seu sentido simbólico, o qual aponta que “sair do tempo é sair completamente da ordem cósmica, para entrar em uma outra ordem, um outro universo. O tempo é ligado ao espaço, indissolúvelmente” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p. 877).

Ainda na relação do tempo como ponto essencial na produção da obra, nas cenas finais, Alice se encontra em um julgamento arquitetado pela monarquia que rege o país, para descobrir quem havia roubado as tortas da Rainha. Durante o percorrer dessa ação, Alice volta a crescer, assim o crescimento involuntário da personagem apresentava indícios de que os momentos naquele universo imaginário estavam próximos de se findar. Dando continuidade, Alice em seu tamanho normal, ainda no País das Maravilhas, ao ser ameaçada pela Rainha que ordenou que cortassem-lhe a sua cabeça, se revolta contra os presentes e destaca que eles são apenas baralhos, assim

A essas palavras o baralho inteiro se ergueu no ar e veio voando para cima dela: Alice deu um gritinho, um pouco de medo e um pouco de raiva, tentou repeli-los e se viu deitada na ribanceira, a cabeça no colo da irmã, que afastava delicadamente algumas folhas secas que haviam voejado das árvores até seu rosto (CARROLL, 2009, p. 146).

O tempo apresenta notável importância na construção narrativa da obra. Esse elemento marca a entrada, a passagem e a saída de Alice do País das Maravilhas. Desse modo, o elo criado por Alice entre os dois mundos é possível por meio da relação entre o sonho e o tempo. Diante disso, com o despertar da personagem de seu sonho pela inusitada situação com as cartas, Alice se depara com sua irmã que diz: “‘Acorde, Alice querida!’ [...] ‘Mas que sono comprido você dormiu!’” (CARROLL, 2009, p.146).

Nessa perspectiva, ao aproximar a narrativa dos conceitos de Todorov (2010), especificamente o do fantástico-estranho, notamos que os acontecimentos que parecem sobrenaturais ao longo da narrativa recebem uma explicação racional. Tal constituinte ocorre em *Alice no País das Maravilhas*, que tem seus acontecimentos descritos como pertencentes ao imaginário, do sonho, assim, a narrativa proporciona a construção de sentidos e põe em movimento a interpretação simbólica do leitor. Desse modo, despertando nos leitores a capacidade de associação e ondas de choque que perduram por muito tempo após o contato inicial. Assim, promovendo a socialização do texto e o debate sobre as mais diversas temáticas de acordo com a faixa etária adequada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em razão das visões divergentes que cercam a obra de Carroll, colocando-a como não integrante da Literatura Infantil e Juvenil, desenvolvemos as análises presentes neste estudo. Em virtude disso, buscamos aporte em estudiosos da área para embasar nossa pesquisa e evidenciar a redefinição proposta por Carroll com a publicação de *Alice no País das Maravilhas*. Nesse sentido, a retomada do percurso da Literatura Infantojuvenil foi fundamental para apresentar as evidências da influência dessa narrativa nesse cenário.

Assim, em virtude dos enquadramentos expostos, objetivamos analisar a importância da obra *Alice no País das Maravilhas*, do autor inglês Lewis Carroll, além de apresentar a caracterização e a influência da personagem-protagonista Alice para a Literatura Infantojuvenil e para os acontecimentos da narrativa. Para isso, recorreremos à análise do contexto histórico e social dos campos de interesse.

Dessa forma, ao considerar o percurso do campo literário infantojuvenil e a importância da redefinição proposta pela obra, encontramos um novo cenário em virtude do modelo de construção narrativa e da protagonização propostas pelo autor. Além disso, ao retornarmos ao período de criação da história, evidenciamos a época de produção da narrativa e os índices presentes na obra. À vista disso, nos aportamos na caracterização das personagens nesse campo literário e a influência de Carroll na quebra de paradigma das visões tradicionais.

Destarte, ressaltamos a redefinição apresentada por meio da personagem-protagonista Alice, uma vez que ela foge dos modelos tradicionais propostos pela época e nos deparamos com um novo universo e situações ilógicas. A partir dessa aventura, enxergamos o amplo campo de temáticas sociais encontradas na narrativa que auxiliam na contribuição para a reflexão do jovem leitor na construção dos saberes, para o acesso ao imaginário e para a subsidiação de formas significativas da leitura e para a diversidade de aprendizagens que a obra pode proporcionar.

Nesse sentido, enfatizamos sua relevância no despertar da imaginação e curiosidade dos jovens leitores, na construção da reflexão sobre os acontecimentos narrados, no sentimento de reconhecimento ao ler sobre uma personagem de sua faixa etária em situações até então incomuns para si e no incentivo ao diálogo com base nos temas presentes na produção, como: família, sonhos, infância, reconhecimento, bem como os temas transversais e sensíveis, entre outros.

Posto isto, ao aproximarmos o leitor infantojuvenil da obra e da personagem, por meio de acontecimentos que unem o imaginário e o real, despertamos a interpretação simbólica desse público, haja vista que a curiosidade motivada frente ao *nonsense*, apresentado na história, faz com que o leitor busque explicações para o ocorrido. Desse modo, através da obra de Carroll, os jovens leitores podem se aproximar do texto tendo por saldo disso o incentivo à imaginação, a identificação com a personagem, a reflexão das temáticas presentes na sua realidade e no universo maravilhoso de Alice, além da surpresa com os acontecimentos fantásticos que marcam a passagem da protagonista por aquele país.

Em suma, esperamos que esse trabalho possa auxiliar nas indagações existentes acerca da obra, além de servir como fonte de provocação e fundamentação para outros pesquisadores e estudos, com isso subsidiando novas pesquisas para o campo literário infantojuvenil.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luis; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (orgs). **Heróis contra a parede: estudos de literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- AUERBACH, Nina. “Alice and Wonderland: A Curious Child.” *Victorian Studies*, vol. 17, nº. 1, 1973, p. 31–47. JSTOR. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3826513>>. Acesso em: 24 Out. 2022.
- BANDEIRA, Pedro. **O fantástico mistério de Feiurinha**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2009.
- BENTO, Ruth de Oliveira. **A educação feminina e a subversão do papel social da mulher vitoriana no romance Jane Eyre, de Charlotte Brontë**. 2019. 28 f. Artigo (Graduação em Letras Inglês)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.
- BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Tradução de Adriana Lisboa. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (org.). **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução de Vera da Costa e Silva [et al.]. 28ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, Análise, Didática**. 1ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos – mitos – arquétipos**. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2012.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil-juvenil das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo**. 3ª ed. São Paulo: Quíron, 1985.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. 1ª ed. São Paulo: Global, 2017.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). **Métodos de Pesquisa**. 1ª ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GOMES, Alexandre de Castro. História da literatura infantil e juvenil brasileira: impulsos de leitura. In: GOMES, Alexandre de Castro; BARRETO, Cíntia (org.). **Literatura infantil e**

- juvenil:** aprendizagem e criação. 1ª ed. Divino de São Lourenço: Semente Editorial, 2021, p. 12-63.
- GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura juvenil:** adolescência, cultura e formação de leitores. 1ª ed. São Paulo: Editora Melhoramento, 2011.
- IRWIN, William. **Alice no País das Maravilhas e a Filosofia:** cada vez mais e mais curioso. Trad. Camila Zanon. São Paulo: Madras, 2010.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história e histórias. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MARUCCI, I. P.; GIROLDO, R. Nonsense e representação: Alice e a relação com o real. **Fólio - Revista de Letras**, [S. L.], v. 12, n. 2, p. 570-582, 2020.
- MORAIS, Flávia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante.** 1ª ed. Campinas: Editora Alínea, 2004.
- NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. **Livro ilustrado:** palavras e imagens. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- PERRAULT, Charles *et al.* **Contos de fadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antônio, ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A Personagem de Ficção.** São Paulo: Editora Perspectiva, 2014. p: 11-49.
- STOKER, Gil. **Tenniel's illustrations for Alice's Adventures in Wonderland and Through the Looking-Glass.** Disponível em: <<https://www.alice-in-wonderland.net/>>. Acesso em: 24 Out. de 2022.
- TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica.** Tradução de Maria Clara Correa Castello. 4ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.
- ZILBERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola.** 11ª ed. São Paulo: Global, 2005.